

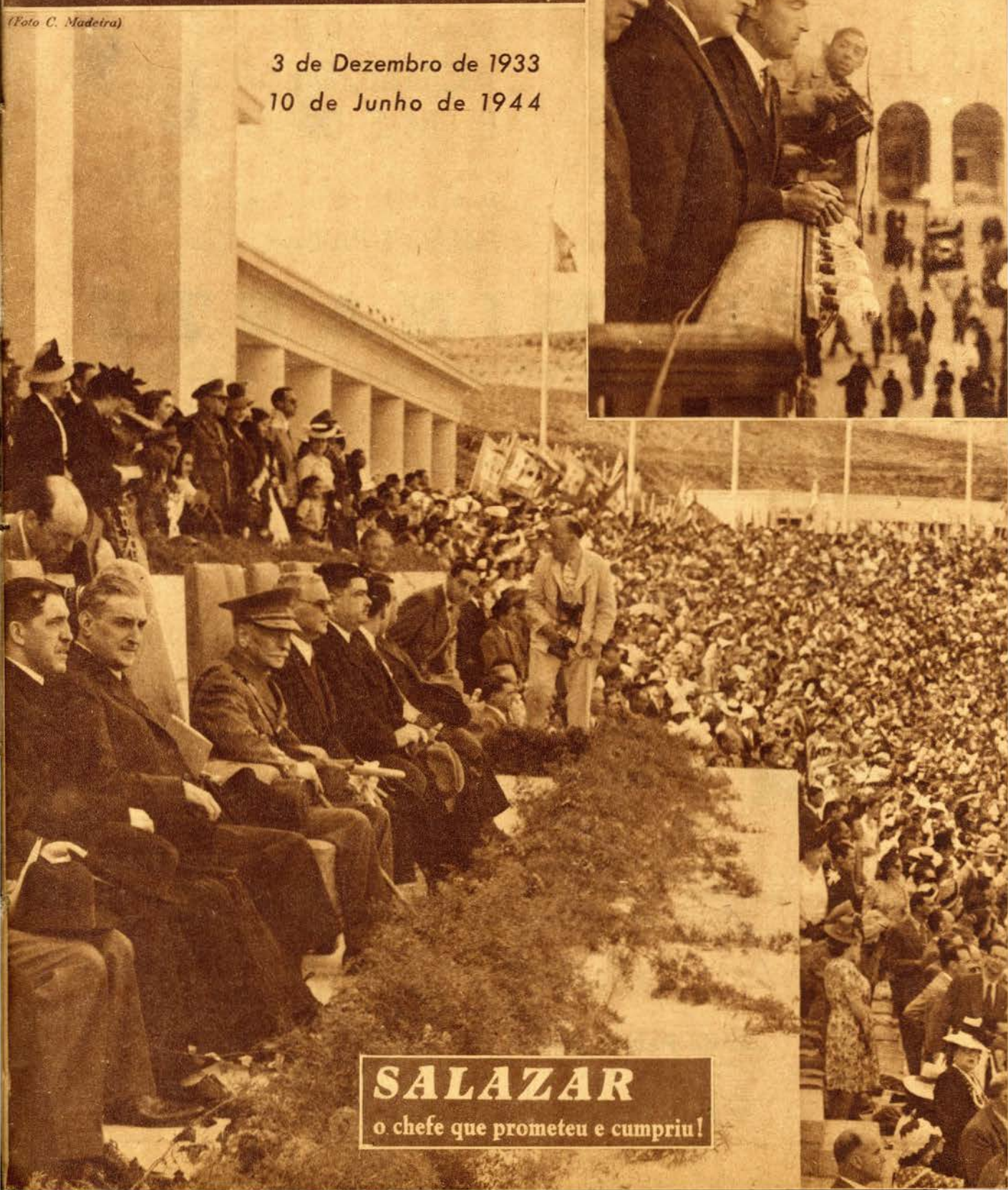
Stadium

N.º 80 ★ 14 DE JUNHO DE 1944

(Foto C. Madetra)

3 de Dezembro de 1933

10 de Junho de 1944



SALAZAR

o chefe que prometeu e cumpriu!

MATERIAL ELÉCTRICO PARA TODO O GÉNERO DE INSTALAÇÕES

LÂMPADAS
BATERIAS
PILHAS
CANDIEIROS

APARELHOS DE
AQUECIMENTO
E MEDIDA

MATERIAL PARA
RÁDIO E PÁRA-RAIOS

A I L U M I N A N T E

A CASA DE MAIOR EXPANSÃO NO RAMO ELÉCTRICO

ARMAZÉNS — AVENIDA ALMIRANTE REIS, 6 (LOJA, 1.º, 2.º E 3.º ANDAR) — LARGO DO INTENDENTE, 16 E 17
STAND FLECHA — LARGO DO INTENDENTE, 11, 12, 13, 14 E 15
ESCRITÓRIO — LARGO DO INTENDENTE, 16 — TELEG. ILUMINANTE — TELF. P.B.X. 4 6186, 4 6187 E 5 1146 — APARTADO 429

PARA UMA CAMISA CHIC



SÓ

CASANOVA

o camiseiro
do homem
distinto

R. da Palma, 69

Telefone 21457

L I S B O A

Telef: 6 2177-6 2178

Telegr: LAMPAR

Empresa Nacional
de Aparelhagem Eléctrica

AVENIDA 24 DE JULHO, 158

Motores geradoras
e transformadores

E N A E

Lampadas — LUMIAR

S O M

AMPLIFICADORES

PHILIPS

A L U G A M - S E

EXECUTAM-SE REPARAÇÕES COM A MÁXIMA GARANTIA

RADIO-REPARADORA, L.^{DA}

179, RUA DA PALMA

TELEF. 2 0590

Campanhas de Educação Física

Necessidade Nacional

FELIZMENTE que os tempos evoluem e, atrás deles, também as ideias... Há duas décadas ainda, falar em desporto era sinónimo de «rapaziada», de devanço com importância de somenos. Os sorrisos distribuíam-se a esmo, cépticos, irónicos, desoladores...

A propaganda dos exercícios físicos da elementaríssima ginástica, feita através de conferências e de exhibições públicas dos pouquíssimos e juntos que existiam, era pasto da curiosidade de uns quantos profissionais da maledicência. Tudo servia para criticar e fazer espírito. Desde o equipamento, de apertadas calças compridas e camisolas fechadas, até aos movimentos em que se decomponham os exercícios executados. A propaganda era, assim, pensosa e ingrata, mau grado a persistência e tenacidade dos apóstolos que a mantinham. Mas foi afinal essa persistência que acabou por vencer. Aos poucos, a rotina desbaratou-se, surgiram outros idealistas que seguiram o exemplo dos que primeiro lançaram os fundamentos de uma doutrina bela, de uma causa que viria, pela força do tempo e das realidades, a ser nacional.

As ideias velhas, poeirentas, que enxameavam cérebros negativistas, substituíram-se pelas que denotavam outros arjamentos e anciações por horizontes mais vastos.

Avançou-se em todos os sentidos. As calças compridas cederam a vez aos calções adequados à execução perfeita de toda a gama de movimentos. Rascaram-se as camisolas e os «guilhotinados decotes». E os exercícios, por mais complicados e excêntricos que parecessem, — todos afinal com a sua razão fisiológica, — não mais causavam surpresa, nem voltaram a atentar contra o pudor em brasa de umas tantas belezas e de uns quantos ascendentes de educação arcaica...

A higiene ganhou outras cambiantes. Formas novas. A sudação, consequência da activação muscular, exigiu correspondente necessidade de banho. As entidades ginásticas desportivas, nos seus projectos de valorização, colocavam os balneários em lugar primeiro. Hoje, não se capitula, já estamos de novo atirados, porque o banho quente, de vantagens cientificamente reconhecidas depois do esforço físico, ainda não está totalmente adoptado. Emfim, mesmo com a água fria, já se abandonou o uso das abluições dominicais, como preocupação semanal e fidelíssima do homem de ontem. Toma-se banho quando calha. A higiene não tem horas nem dias — é de todos os momentos. A educação física foi contribuinte poderosa para essa benfazeja evolução de hábitos, que caracteriza e distingue a nossa geração, — salvo, claro, umas poucas excepções.

A «rapaziada» transformou-se em problema complexo, de premente acuidade, requerendo constante atenção de cientistas e homens de Estado.

Passou do aspecto nacional à realidade universalmente reconhecida.

Um «todo», feito de um conjunto de agregados, especialíssimo e único, cuja força irradia da perfeita unificação de sistemas, da uniformidade de modelos — da competência, sinceridade e abnegação de quem os liga, dando-lhes vida, movimento para que o «todo» seja, de facto, um bloco dinâmico, à disposição de uma causa, — cuja florescência representa para a humanidade a mais bela e nobre garantia de reconquista futura.

¿ Campanhas de educação física ? ...

Venham quantos vierem, venham muitas. Nos ginásios e nos parques desportivos está a Pátria de amanhã ! ...

LANÇA MOREIRA

Vamos aprender como se joga?

III — Driblar; ataque e defesa

A época de «rugby» acabou. Apesar disso, entendemos não interromper esta série de crónicas, cujos ensinamentos podem assim ser aproveitados mais oportunamente, quando venha a iniciar-se a preparação para o próximo campeonato.

DRIBBLAR, aptoagradamento de um termo inglês consagrado pela vulgarização do futebol, é, em resumo prático, o acto de conduzir a bola pelo terreno, empurrando-a alternadamente com um e outro pé.

O drible, no «rugby», difere, porém, essencialmente, do mesmo exercício no futebol, não só pela diferença de forma das duas bolas como também pela variedade de adaptação dos seus objectivos às regras especiais de jogo. A bola ovalada não se domina e conduz com a mesma simplicidade da bola redonda, cujo rolar é uniforme, e ao passo que o drible no futebol é uma manobra de agilidade e subtilidade, no rugby emprega-se como acto de força que, para ser eficaz, se executa colectivamente, com os jogadores agrupados de maneira a haver um que possa substituir o condutor da bola, quando este lhe escape num ressalto caprichoso e tornando muito mais difícil e incerta qualquer tentativa adversária de passagem.

São os avançados aqueles que mais frequentemente empregam este recurso de jogo, devendo treiná-lo individualmente e em grupo, para perfeita execução e solidez do bloco.

O método mais aconselhável de treino individual consiste em procurar conduzir a bola pelo chão, sem que ela se afaste dos pés ou seja ao domínio do jogador. Nos primeiros ensaios alheia-se a preocupação da velocidade, que virá com os progressos de execução.

O condutor de um drible empurra a bola com a face interna dos pés em rotação externa, joelhos levemente flectidos e descidos sobre os pés, para impedir que a bola se escoe para cima. A manobra é mais difícil do que pode parecer, porque as cambalhotas da bola são inesperadas e caprichosas, motivo por que indicamos a conveniência de aproveitar também as pernas e os joelhos para manter a bola no campo desejado.

Quando se haja adquirido em andamento a pericia necessária na condução da bola, aumenta-se progressivamente a velocidade do drible, sem contudo sacrificar os preceitos indicados de constante contacto, sem os quais desaparece toda a eficiência da progressão. Um pontapé que afaste a bola três ou quatro metros, seguido de corrida de perseguição, e assim sucessivamente, não tem em «rugby» o mínimo valor prático.

Sucede às vezes, durante o «drible», a bola subir, num dos seus saltos, ao «lance das mãos do jogador»; em tal caso — favor da Providência... — não há que hesitar em apanhá-la, porque assim mais seguramente se desenvolverá a continuação do movimento ofensivo.

O trabalho de conjunto do grupo dos avançados, independentemente do adestramento individual — embora tenha os resultados dependentes da capacidade de cada um na execução correcta do drible —, fica sujeito a preparação especial e deve ser estudado em todos os seus pormenores. Não esqueçamos a regra de serem os avançados como a galinha e os pintos: quando um tem a bola em seu poder, todos os outros o seguem de perto...

(Conclui na pág. 6)

LEVEMENTE...

NO PAÍS DAS MAQUETAS...

TIVE, há pouco tempo, a honra de ser recebido, fidalgamente, na secretaria do Atlético e, ali, o prazer de admirar e de conhecer o ante-projecto do futuro Estádio da Tapadinha.

E friso tive o prazer por estar convencido de que, contra o que sucede na maioria dos casos, este plano pode e deve transformar-se, num futuro próximo, em agradável realidade.

A minha convicção baseia-se em vários pontos: primeiro — o projecto não nos apresenta um estádio monumental, irrealizável, mas sim um parque de jogos simpático, acolhedor, comportável dentro do terreno e das possibilidades financeiras da agremiação; segundo — vai ser aproveitado muito do que está feito; terceiro — as obras de ampliação e de adaptação vão começar imediatamente (se é que não começaram já); quarto — os atléticos não se propõem realizar tudo de uma vez, mas com o andar do tempo e conforme as condições económicas o permitirem.

Quere dizer: pensou-se numa coisa realizável; não se sonhou...

Ora a grande maioria dos projectos de instalações desportivas que tenho conhecido representam apenas sonhos de bem intencionados — e o tempo passa sem que se veja nada de pé...

São as sedes apalaçadas, as piscinas luxuosas, os parques desportivos monumentais... São os estádios clubistas que, no momento presente, nenhum clube, entre nós, pode criar e manter; estádios municipais, etc., etc.

Resultado: a gente olha as maquetas, admira-as, concebe, deslumbrado, o que será «aquilo», um dia, pósto de pé, — mas os anos rolam, o sonho desfaz-se, o projecto esquece e os clubes e as terras continuam a dispor das mesmas instalações mesquinhas, inestéticas, insuficientes e incómodas, quando não sucede — o que é pior ainda — estas desaparecerem sem ser substituídas, ao menos, por outras semelhantes...

Por isso, desportivamente, continuamos a ser o País das maquetas... Raríssimas são aquelas que chegam a converter-se em realidade. E isto porquê? Porque somos uma raça de sonhadores e porque, na nossa pobreza, mantemos, inalterável, a mania das grandezas...

O caso presente, o do Atlético, parece-me diferente. A adaptação e ampliação do que está feito não exige desmedida soma de capital. Mil contos talvez. Em dois, três anos, dada as belas condições de vida e de progresso da colectividade, não parece impossível realizar essa quantia. Boa vontade, ansia de trabalhar e são critério — não faltam. E método, que é também indispensável!

Por agora, as obras fixaram-se no recinto do peão, afim de aumentar a sua lotação e comodidade. Faz-se o muro de suporte. Seguidamente, mas para já, procurar-se-á a água, construir-se-á o depósito indispensável para o precioso líquido — e surgirá a piscina, o tanque, se quiserem, que lá se vê desenhado no ante-projecto. E, depois disso, o arrelvamento do terreno do futebol. Se as coisas caminharem bem e não surgirem imprevistos, Lisboa terá na próxima época da bola um novo terreno arrelvado.

O resto dos melhoramentos virá a seu tempo, não de um fôlego, mas com conta, peso e medida...

E dentro de breves anos o Atlético Clube de Portugal e a capital disporão de instalações condignas, próprias e fáceis de manter por uma colectividade com as características da qual.

Pela razão de que não sonharam, mas pensaram, estou seguro de que os atléticos levarão a sua vantagem. E assim, contra o costume, o ante-projecto do Estádio da Tapadinha será mais que um bonito desenho no papel; será uma obra palpável, útil e louvável.

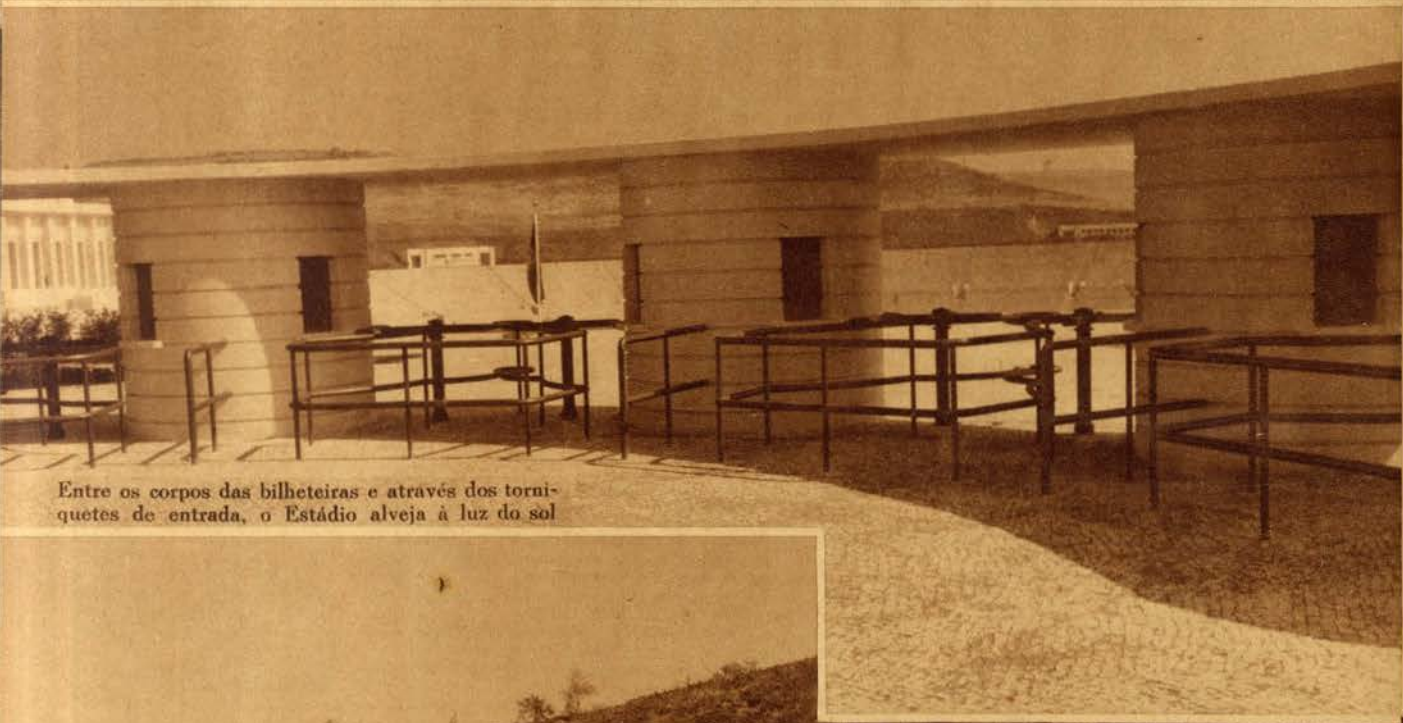
Alcântara ficará, assim, excluída... do País das maquetas ! ...

RUI DE LISBOA

Este número do STADIUM tem 32 páginas e custa quinze tostões



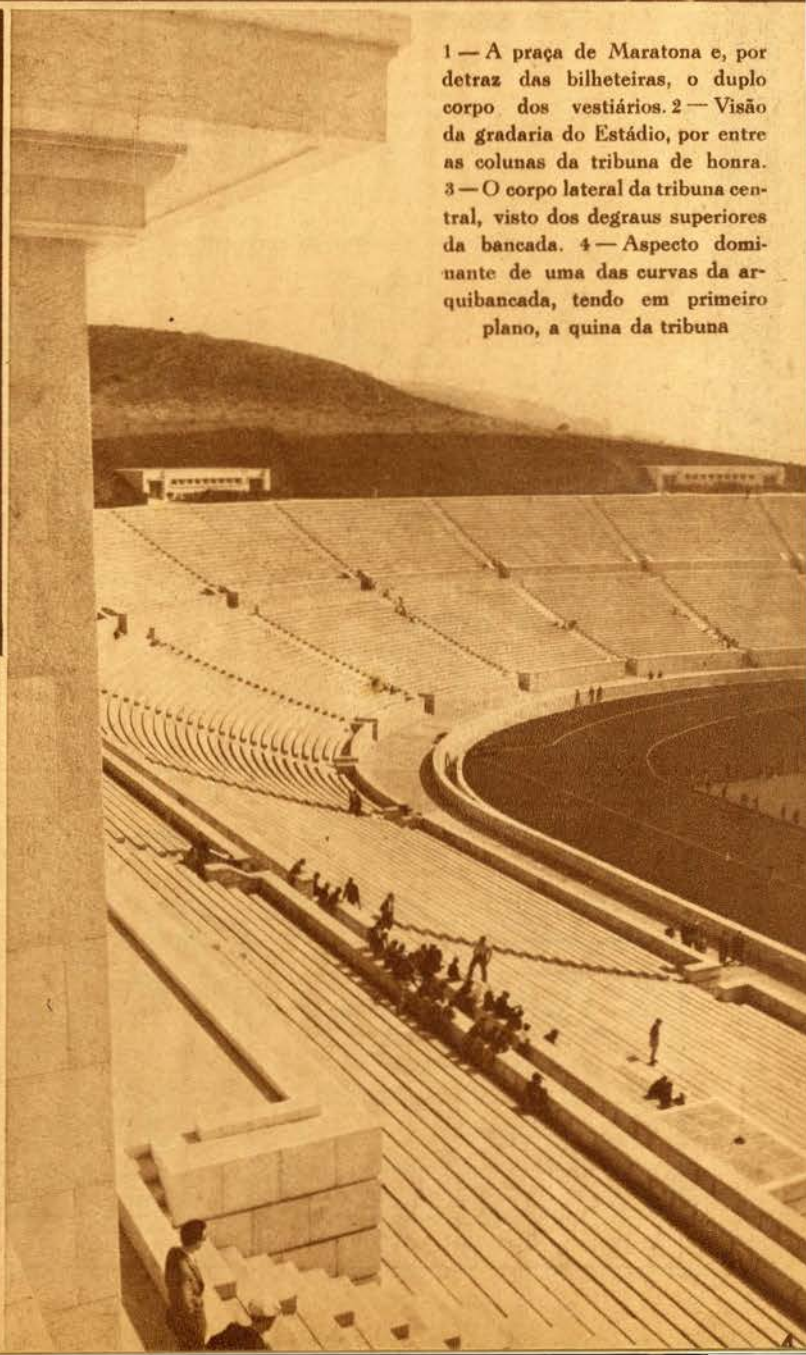
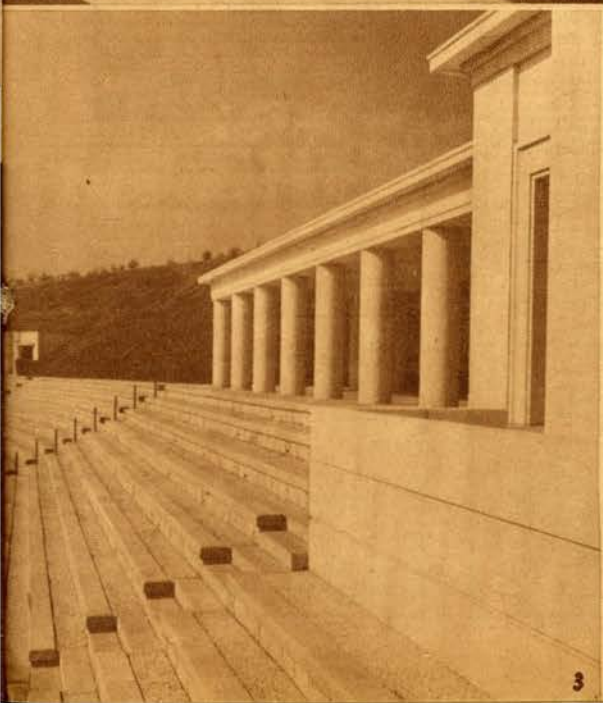
É assim que o espectador avista o Estádio Nacional, por sôbre a curva harmônica dos torniquetes de entrada, quando chega à escadaria superior de acesso



Entre os corpos das bilheteiras e através dos torniquetes de entrada, o Estádio alveja à luz do sol



Um dos Bar-Restaurantes que dominam o Estádio na via circundante de acesso superior



1 — A praça de Maratona e, por detraz das bilheteiras, o duplo corpo dos vestiários. 2 — Visão da gradaria do Estádio, por entre as colunas da tribuna de honra. 3 — O corpo lateral da tribuna central, visto dos degraus superiores da bancada. 4 — Aspecto dominante de uma das curvas da arquibancada, tendo em primeiro plano, a quina da tribuna

RUGBY—Vamos aprender como se joga?

(Conclusão da pág. 3)

A disposição do grupo atacante, em dribble, não é produto do acaso; o homem que conduz a bola com o pé será rodeado pelos companheiros, um a cada flanco, para ressaltar qualquer percalço de fuga lateral da bola, outro directamente atrás, para prosseguir o ataque na hipótese de ficar atirada a bola em relação aos homens da primeira linha (Fig. 1).



Fig. 1

Os jogadores que colaboram no dribble evitarão tirar a bola ao que a conduz, ou sequer dificultar-lhe os movimentos, seguindo-o sempre, porém, com a máxima atenção, prontos a captar a bola, e com ela continuarem caminho, no caso do seu detentor julgar conveniente despachá-la para outro ou ainda quando lhe fuja involuntariamente.

Os dribladores devem atacar em formação compacta, mas nunca desordenada; constituem uma espécie de avalanche que varre o terreno e é tanto mais difícil de sustentar quanto mais aglomerada progredir.

É claro que se ligam a esta maneira de atacar diversas variantes tácticas, que nos limitamos a apontar, mas devem todas ser metodosamente estudadas em campo. Já atrás referimos a possibilidade de prosseguir com ata-

ques, em passes à mão, o dribble em marcha; ter-se-á sempre presente, também, a conveniência do driblador talonar a bola para os companheiros da rectaguarda (como se estivessem em formação aberta) quando antevja superioridade no esforço de obstrução adversário; e ainda se apercebe a vantagem de lançar a bola por meio de largo pontapé para a faixa lateral oposta do terreno quando o driblador verifique que a defesa adversária se deslocou e concentrou na frente do bloco que transporta a bola.

Lembramos mais, dentro de princípio fundamental do ataque no «rugby», que os dribbles se conduzem directamente no sentido da linha de baliza.

A manobra de defesa — Todo o jogador, seja qual for o seu lugar na equipa, deve saber interceptar um dribble adversário.

A única forma de o conseguir com segurança é lançando-se ao chão sobre a bola, sem hesitações, colocando o corpo por tal forma que ele se interponha ao driblador, oferecendo aos pés deste último apenas a parte inferior do dorso, a-fim de evitar qualquer pancada involuntária mas perigosa. Atirar-se de frente para a bola e para o driblador é quasi uma tentativa de suicídio (Fig. 2).

A paragem do dribble, que à primeira vista parece um acto heróico, não se reveste do menor risco quando executado convenientemente; escusado é dizer que o jogador que se lança ao solo para interromper o dribble não deve conservar a bola presa nas mãos, não só porque tal gesto é contrário às leis do jogo,



Fig. 2 - MAL



Fig. 2 - BEM

como também porque assim se sujeita a sérios agravos, sem o menor proveito para o seu grupo.

A boa norma consiste em abandonar ou empurrar a bola à sua frente, separando-a do bloco atacante, e esperar que os companheiros a colham ou a venham captar em formação aberta.

SALAZAR CARREIRA

Acontecimentos da Semana

BASKET-BALL — Para conclusão da oitava «ronda» do campeonato nacional da 1.ª Divisão, o Unidos derrotou o Combricense por 67-46.

— A contar para o campeonato lisboeta de «juniors», registaram-se os seguintes resultados: Ligis-Ateneu, 11-5; Lisboa Ginásio-Olimpico, 55-5; Moscavide-Operário, 20-8; Casa Pia-Belenenses, 48-8; Benfica-Bos. Hora, 16-16; Atlético-F. Benfica, 22-10; Algés-Sporting, 26-25; Nacional-Campolide, 37-18.

— Para o torneio da taça «Fernando Santos», em 2.ª categoria, o Belenenses derrotou o Ateneu por 55-6 e o Caride marcou pontos por 1. c. do Tabacos.

FESTAS ASSOCIATIVAS — Um grupo de amigos do G. D. Estoril Praia promoveu na sede do clube, uma sessão solene de homenagem aos seus jogadores de futebol, tendo falado, em nome da comissão, o sr. Luis Pires.

— Para comemorar a passagem do seu 12.º aniversário, o Campolide A. C. organizou um passeio dedicado aos sócios.

— Em continuação das festas comemorativas do seu aniversário, o Clube Naval Barreirense promoveu mais duas regatas de «vongas», que foram ganhas pelo V. 17, da «M. P.» do Barreiro, seguido do «Sado» e «Tejo», ambos do C. N. B. Na outra prova, classificaram-se, por ordem, o «Sado», o «Tejo» e o V. 17.

A classificação final, estabelecida pelo melhor conjunto, deu a vitória ao «Sado», seguido de «V. 17» e «Tejo».

HOCKEY EM CAMPO — No Campo Grande disputou-se um encontro de excepcional importância para a conquista do campeonato de Lisboa. O Benfica venceu o Hockey Clube de Portugal por 1-0 (goals de Pedro Silva) e assegurou a posse do título.

Em Santo Amaro, o Futebol Benfica derrotou o Atlético por 1-0. Os clubes que ganharam em 1.ª categoria marcarão, também, pontos por falta de comparecimento dos adversários, em reserças.

NATAÇÃO — Na piscina do Algés e Dafundo disputou-se um torneio destinado a representantes de casas comerciais e organismos corporativos, dotado com duas taças e organizado pelo G. D. da Casa E. Vautier & C.ª, para comemorar o seu 6.º aniversário.

TENIS — Nos «courts» do Sporting, disputou-se a 1.ª «mão» do segundo encontro anual entre o Comércio e Indústria, de Setúbal, e o Sporting. Os «leões» venceram por 4-1, apresentando a sua equipa formada por Manuel da Silva, Melo e Silva, Queiroga Tavares, José A. Gonçalves e Dr. Mesquita e Carmo. Os setubalenses utilizaram: Biscaila da Silva, Jaime Viegas, António Alves, Mário Carqueijolo e Afonso Gago da Silva.

TENIS DE MESA — Terminou o campeonato infantil de Lisboa, que foi ganho pelos «acilistas». Em segundo lugar classificou-se o Sporting.

TIRO REDUZIDO — A Secção de Tiro do S. L. Benfica, à semelhança dos anos anteriores, organizou o campeonato interno, nas três posições regulamentares, a distância de 20 e 25 metros. Na posição de pé, a 20 metros, a vitória pertenceu, folgadoamente, a Dionísio Magro, com 126 pontos. Depois: Antero Lopes, 121; Manuel Garrido, 120; G. Bravo Dias, 119; M. Ferreira Borges, 117.

VOLLEY-BALL — A contar para o campeonato de Lisboa, o Técnico venceu o Belenenses, nas três categorias e o Internacional cometeu igual façanha, tendo por adversário o Sporting. Foi adiado o encontro Benfica-Nacional.

PUBLICAÇÕES

«VAMOS DECIFRAR»

Editado pelo sr. Carlos de Carvalho César — um gráfico que se dedica aos assuntos de cultura nas horas vagas e que nos presta a colaboração do seu trabalho profissional, como compositor, nas oficinas onde é feita a nossa Revista — acaba de publicar-se um pequeno mas interessante folheto, destinado a entreter os olhos dos amadores de palavras cruzadas, passatempo muito em voga mas fundamentalmente instrutivo. «Vamos decifrar», título dado à publicação, é quinzenal e custa a módica quantia de cinquenta centavos.

Desejamos-lhe longa vida.

ROQUE PINTO, L. DA

IMPORTADORES DE TABACOS E PAPEIS DE FUMAR

R. do Amparo, 94, 1.º Telef. 2 8561 LISBOA

A FLAMENGA

ANTIGA CASA DOS FILTROS

BATISTA, LDA.

PAPELARIA-TABACARIA-FILTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA

António Trindade

Rua Nova do Almada, 79 . TEL. 2 7614

L I S B O A

O HOMEM MODERNO



faz diariamente a barba com creme OATINE de barbear, o produto preferido não só no Império Britânico como em todo o Mundo Civilizado.

OATINE

Loção para depois de barbear — Produtos de beleza Perfumarias de fama Mundial



TRAVESSA DO COVOLEJO, 11. 1.º

Telef. 20218 — LISBOA

TRIUNFE NAVIDA

ESTUABADO EM CASA

INSTITUTO LISITANO DE CONTROLO
COMERCIAL E INDUSTRIAL

RECEPTE O CUPÃO PEDINDO GRÁTIS O LIVRO DE 40.00

Nome _____

Morada _____

GUARDA-LIVROS

DIRECÇÃO DE JOZEF FRANCISCO NEGRAS

ENVIE 2000 EM SELLOS PARA FORTE E DESPESAS

LIVRARIA E PAPELARIA 1.º DE JANEIRO

DE Laurinda Grave dos Santos

Livros nacionais e estran- Perfumaria, Tabacaria geiros de diversos autores e Artigos electricos 28, Rua Eusébio Leão, 30. Telefone 10 16, Rua Dr. Câmara Pestana, 18 (Barreiro)

Poliétnica de Cascais

RUA SEBASTIÃO J. C. E MELO, 16, 1.º

CASCAIS — TELEFONE CC. 16

Doenças da Pele e Sifilis (3.ª e sábados às 13 h)
 > da Boca e Dentes (2.ª, 4.ª, 6.ª às 14 h)
 > Oto-Rino (3.ª e sáb. às 15)
 > Vias urinarias (2.ª, 4.ª, e 6.ª, às 12 h)
 > de Olhos (2.ª às 15 h)
 Clínica de Cirurgia (3.ª às 13 h.)
 Clínica Geral (14 h) — Raios X — Análises Clínicas

Continua o grande interesse pela nossa série de **GRANDES REPORTAGENS GRAFICAS**

As inscrições excedem a nossa expectativa

Como dissemos, durante o período do defeso do futebol «STADIUM» vai publicar

SEM AUMENTO DE PREÇO

em números sucessivos, A COMEÇAR AINDA ESTE MÊS, uma série de **ARTIGOS DE HOMENAGEM AOS CLUBES** que concorreram ao **CAMPEONATO NACIONAL** e «**TAÇA DE PORTUGAL**» durante a última época.

Estes artigos serão acompanhados de uma **GRAVURA A CÔRES** formato grande

representando a correspondente equipa de honra de futebol. Constituirão breves reportagens, encerrando um resumo da história de cada clube e algumas entrevistas com figuras de relêvo na sua massa associativa, sendo ainda ilustrados com fotografias que foquem acontecimentos de realce na respectiva actividade.

Teremos, portanto, além de muitas outras gravuras, nada menos de **16 ESTAMPAS**, acompanhadas de **ENTREVISTAS** e um pouco da **HISTÓRIA DE CADA CLUBE**, o que ficará constituindo uma colecção interessantíssima dos principais grupos nacionais, que todos os nossos leitores vão arquivar com interesse, pois «STADIUM» oferecer-lhes-á ainda

uma CAPA para encadernar

esta curiosa documentação de 16 estampas e as páginas que as acompanham. Por tudo isto não hesitamos em afirmar que a nossa iniciativa é a mais retumbante no género — representando ainda a mais desenvolvida **PUBLICAÇÃO DESTA ESPÉCIE EFECTUADA ATÉ AGORA EM PORTUGAL.**

Aos leitores que não são nossos assinantes:

aceitam-se assinaturas especiais para esta série de 16 números. Basta enviar à Administração da «Stadium» a importância de 24\$00, para garantir a aquisição deste formidável documento — com a sua capa feita expressamente.

Aos inúmeros agentes do continente, ilhas e África pedimos que nos indiquem, com a possível antecipação, as quantidades que desejem receber.



«**FLECHA**»

A GRANDE MARCA NACIONAL

BICICLETAS

DE DESPORTO E TURISMO para Homens, Senhoras e Crianças

Visitem o Stand «FLECHA»

LARGO DO INTENDENTE 11 A 17

L I S B O A

Magnífica vitória de **J. Martins - Túlio Pereira** na corrida à «americana» disputada na pista de Lumiar

SINGULARMENTE emotiva e tecnicamente muito bem disputada, a corrida «à americana», promovida no domingo, no Estádio do Lumiar, foi sem dúvida a melhor e maior competição do género disputada em Portugal. Tão grande e tão valiosa que se conseguiu, pela primeira vez entre nós, cobrir cem voltas de pista em sessenta minutos, o que corresponde à média horária de quasi 43 quilómetros.

Cremos que tão depressa não se poderá melhorar esta excelente «marca», estabelecida pelos sangalhenes J. Martins e Túlio Pereira, após uma prova em que todos os concorrentes lutaram até ao máximo das suas possibilidades atléticas.

De facto, «andou-se» no domingo, naquela impressionante «americana», como nunca vimos fazer em festas portuguesas. Aquilo não foi uma corrida de estafetas, disputada por equipas de dois homens: foi, antes, uma emocionante prova de perseguição, em que os «duos» Martins-Túlio, Lourenço-Inácio e Lopes-Rebêlo se portaram como seis campeões de provada classe.

Quarenta e três quilómetros numa hora, em pista de terra batida e de piso áspero, é sem dúvida muito bom!

O que faz a «forma»...

A excelente «forma» da maioria dos corredores que domingo alinharam no Estádio se deve tão elevada média horária, pois sem essa forma, já bastante apurada, não se arriscariam, nem de certo poderiam, disputar a «americana» como o fizeram.

Havia uns dez minutos de prova, Lopes esgueirou-se do pelotão respondendo apenas João Lourenço com êxito. Mas como Rebêlo não, estivesse ainda a «carburar» bem e Túlio se não convencesse que tinha de se atrazar, as equipas fugitivas foram alcançadas.

Surge então Martins, impetuoso, ao ataque. Em duas rendições, os sangalhenes ganham meia volta, passam depois à vantagem de 300 metros — e quando chegaram aos 50 minutos de prova tinham uma volta de avanço sobre todos os concorrentes.

De nada valeu a empolgante perseguição de Lourenço e Lopes, que «rolaram» a 29 segundos por volta — média de 44; não surtiu efeito a coligação feita por esses mesmos corredores, entreajudando-se, nem tão pouco teve melhor sorte Inácio, quando tentou, sozinho, alcançar os homens de camisola azul. Ninguém conseguiu impedir que Martins e Túlio, conquistassem os três primeiros «sprints» da prova, mercê da vantajem alcançada, nem ninguém evitou que depois de «descolados» voltassem de novo ao pelotão e com êle disputassem, ainda, o derradeiro «sprint» — ganho por sinal com beleza, por Lopes em luta com Lourenço.

Em resumo: uma endiabrada corrida feita por Túlio e Martins; répliques que empolgaram a assistência, dadas por Lopes, Inácio, Lourenço e algumas vezes por Rebêlo Jacinto e Pereira; e ainda forte expectativa e interesse, desusados, pelos resultados de futuras «americanas».

Excelente comportamento dos novos

Também agradaram, porque tiveram mérito, as provas disputadas pela gente nova — amadores e iniciados.

A «americana» de 30 minutos, que Rocha — Amandio ganharam com a bonita marca de 47 voltas, e o «critério» em que também venceu o «iluminante», embora tivesse em Baptista Alves e Dias Santos bons competidores, foram duas excelentes competições.

Bonita, embora facilitada pela sua superioridade, a vitória de J. Faria no «critério» de velocidade. E agora, que já não é iniciado, será interessante vêr o sportinguista em luta com os amadores.

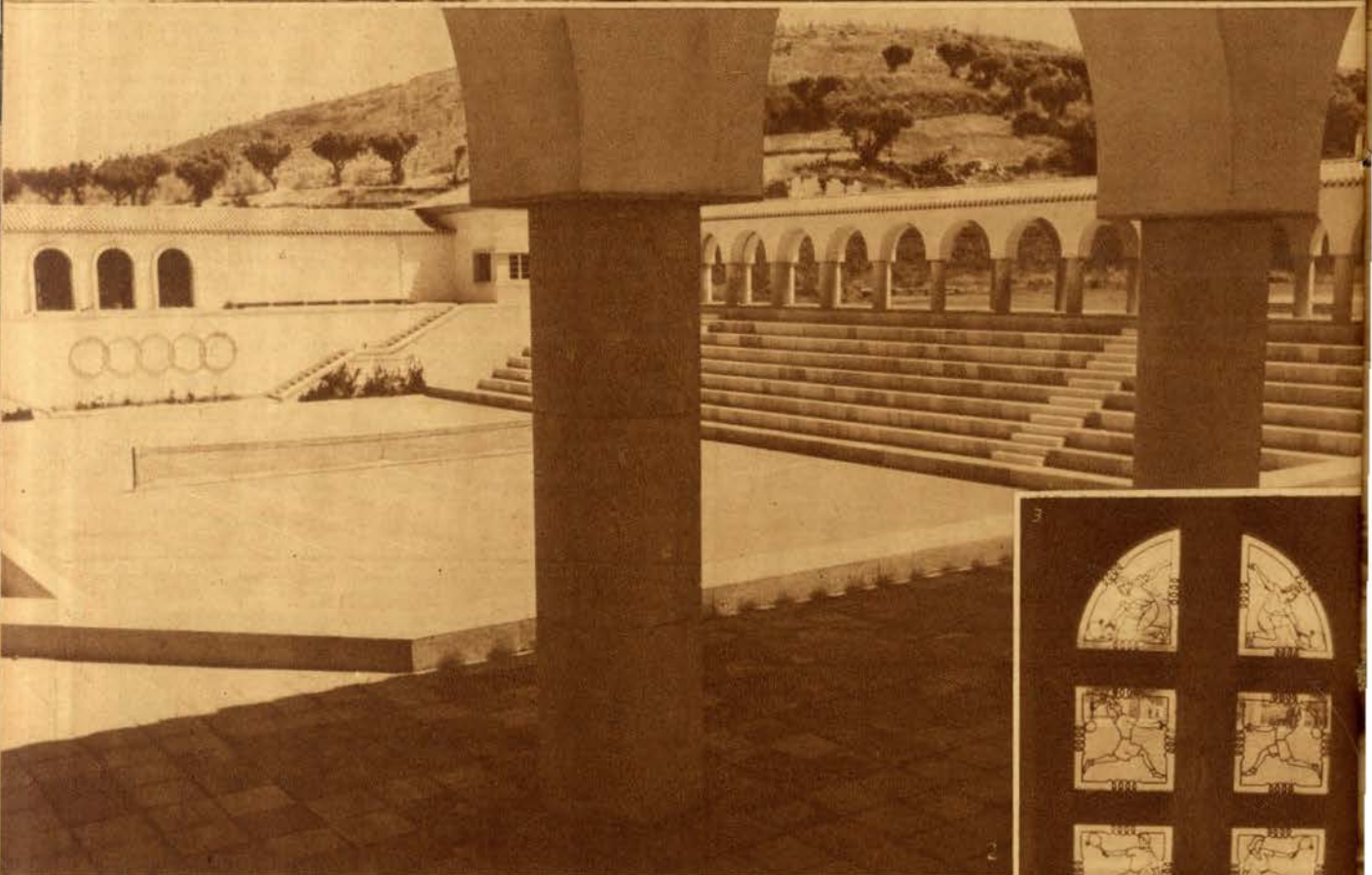
(Continua na pág. 26)

composição / Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.

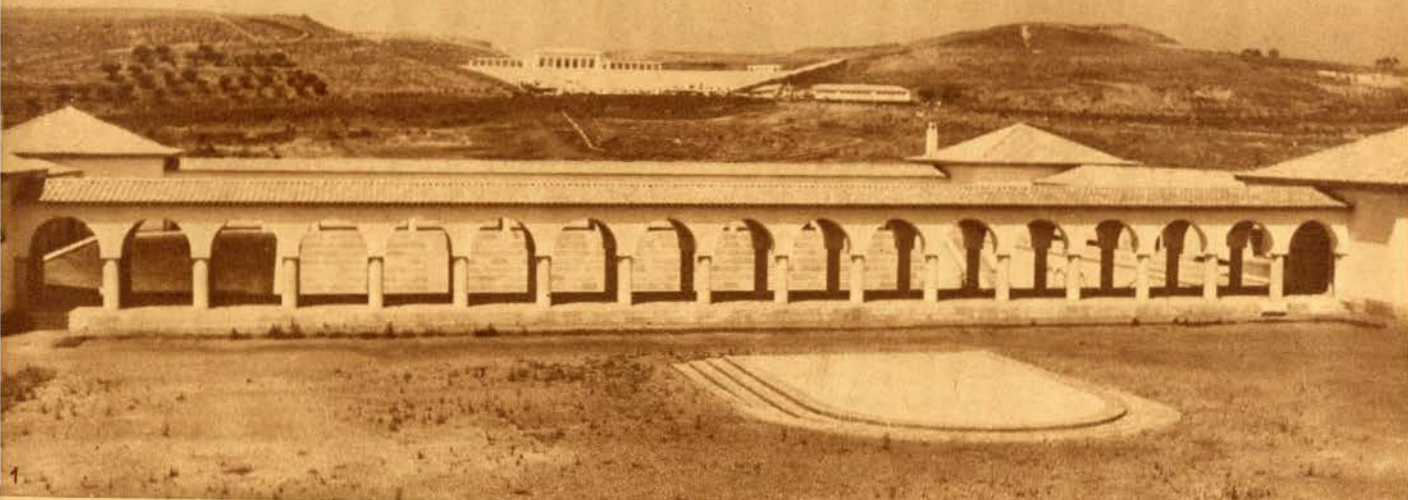
BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

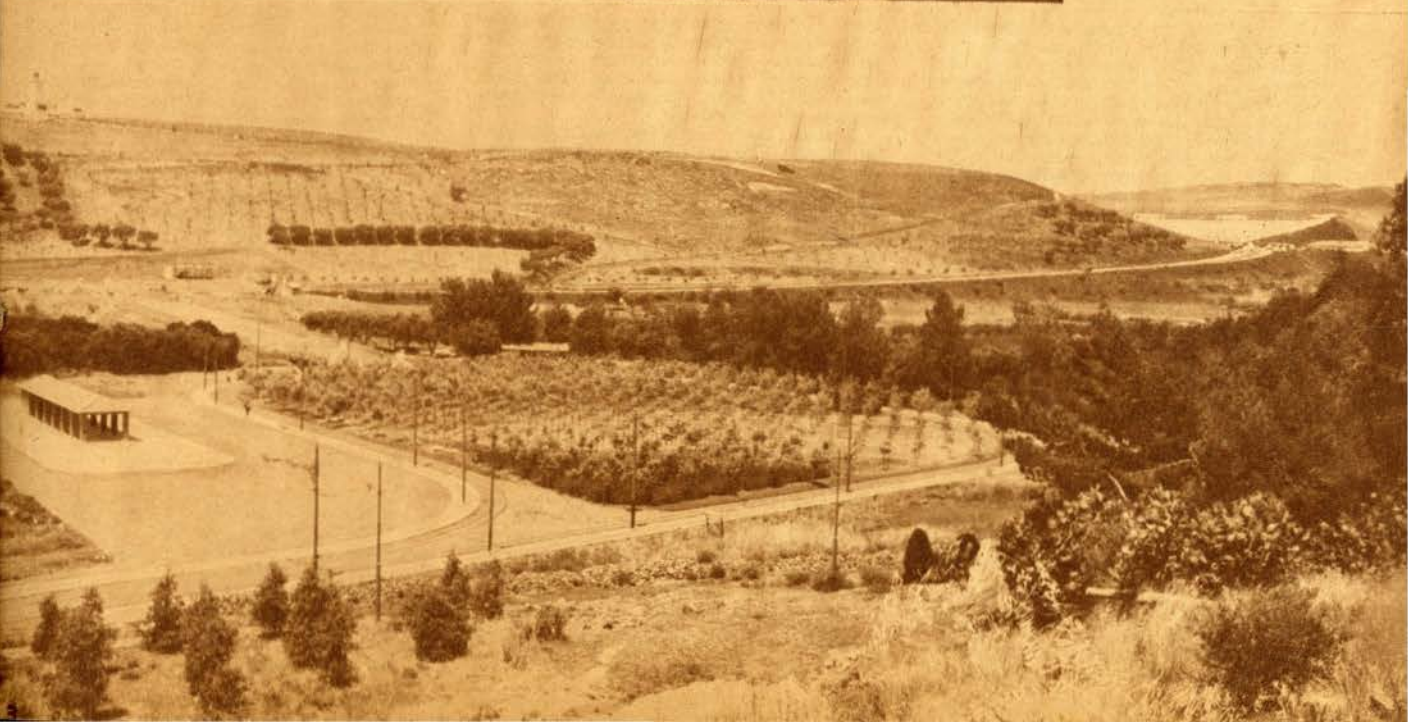
O ANALGÉSICO DOS DESPORTISTAS
Eficaz em: entorses, luxações, contusões, traumatismos e dores musculares em geral. — Alívio rápido após a primeira fricção
Á venda em qualquer farmácia — Escudos 15\$00



1— Vista panorâmica do campo principal de tennis, rodeado por formosa colunata em graciosas arcarias. 2— O corte principal de tennis, com as instalações para os espectadores e, ao fundo, os vestiários e balneários. 3— O artístico portão de ferro forjado que dá acesso para o salão de honra do estádio de tennis



1— A instalação para tennis, tendo à frente a plataforma para dança no recinto do futuro restaurante, e dominada ao fundo pela mole imponente do Estádio Nacional.
2— Outro aspecto do corte central, visto de um dos topos.
3— A estação terminal dos carros eléctricos não fica, como mostra esta fotografia, muito longe da entrada para o Estádio Nacional.



HÀ imagens que nos ficam para sempre gravadas na retina; basta cerrar os olhos e chamar pela saúde, para que ressurgam, vivas e luminosas como na hora da realidade. Foi assim com a cerimónia da inauguração do Estádio Nacional: oitenta mil portugueses a viveram, vibraram de entusiasmo ou de emoção com os quadros, ora imponentes, ora sugestivos, ora empolgantes, do programa que absorveu um período que se não pode medir em horas, porque a toda a gente pareceu à margem do tempo, visão de sonho que poucos teriam ousado supor um dia materializada.

Lisboa — Portugal, melhor diremos — dispõe desde domingo de uma arena desportiva como nenhuma outra existe na Península, como poucas existirão na Europa continental. Estive em Paris, no cenário olimpico de Colombes; em Amsterdão, nas instalações especialmente construídas para os jogos de 1928; nos melhores campos desportivos do norte da Itália, da Bélgica, da Hungria, de Viena de Áustria; em nenhures encontro, rebuscando no fundo de recordações, estádio que em beleza e grandiosidade ofusque o do Jamôr, acima do qual apenas avulta a magestade e imponência do estádio de Berlim, com os seus cem mil lugares nas arquibancadas circundantes.

Vivi, há oito anos, esse momento insuperável — julgava eu — da inauguração espectacular e emocionante dos Jogos Olímpicos de Berlim, que eram os terceiros a que assistia, em crescendo de grandeza e impressão; e, no domingo, quando dez mil desportistas e gymnastas, mais sessenta mil espectadores, clamaram nas estrofes da «Portuguesa» o seu entusiasmo de gratidão e a sua fé nacionalista, vim encontrar afinal o momento máximo da minha emoção desportiva, aquêle em que a alma sentiu o doce afago de uma ambição realizada além de todas as expectativas — e o pensamento colheu a certeza da vitória definitiva para uma idéa, que provou os seus direitos e recebeu o justo prémio de longos esforços, em glória luta contra o indiferentismo de quem devia reconhecer-lhe os méritos.

Não é de vaidade estulta este confronto. A festa inaugural do nosso Estádio despertou no meu espirito a lembrança de Berlim: dentro das devidas proporções, mas exaltada agora pelo natural sentimento de um português em jornada portuguesa.

Reboaram nos ecos do vale, ascenderam das gradarias Estádio, as mesmas aclamações dos grandes certames nas

A MEMORÁVEL
FESTA
DE SÁBADO

AS CLASSES DE GIMNASTICA DA «MOCIDADE» E DA F. N. A. T.

As características especiais da cerimónia inaugural do Estádio exigiam, na elaboração do programa, o doseamento apropriado da vibração pela luta desportiva e da imponência pelo movimento de grandes massas humanas. Estas, seja qual for o objectivo visado, são imprescindíveis; com muito mais fundada razão quando — como era o caso — se tratava de um acto de posse, que envolvia a demonstração de agradecimento colectivo.

Hemos de reconhecer que, nesta ordem de idéias, a festa inaugural correspondeu em absoluto à expectativa da multidão, a todos dando o espectáculo grandioso de grandes paradas gymnásticas que prepararam a visão do público para o panorama mais pitoresco e vasto do desfile e formatura dos desportistas e estandartes.

Tanto a lição executada pelos 3.600 filiados da Mocidade Portuguesa, primeiro número escolhido para o programa, talvez como indicativo simbólico de que os direitos do futuro precedem os direitos do presente e do passado nas preocupações dos educadores e chefes, — como depois na exhibição menos numerosa mas igualmente significativa das raparigas da F. N. A. T., houve a beleza de conjunto que é, nos exercícios e movimentos das grandes massas executantes, o aspecto dominante de apreciação por parte do público, a que são destinados.

Ambos comandou o professor capitão Celestino Marques Pereira, com a autoridade da sua experiência que não carece adjectivação; mas, porque a sua acção orientadora e centralizadora se pôde exercer com pleno êxito, é

justo distribuir pelos seus colaboradores e auxiliares, pelas dezenas de professores que em escolas e centros, armazéns e fábricas, num trabalho diário e animoso prepararam rapazes e operários, — a parcela de louros que justamente lhes cabe.

Nenhum chefe consegue vencer batalha sem subordinados que saibam executar os seus planos e cumprir as suas determinações.

A parada gymnástica da Mocidade Portuguesa foi condigna da magestade do recinto; a visão de encanto começou com a concentração na Praça da Maratona, transformada pela aglomeração dos rapazes em tapete branco a contrastar com a tonalidade escura dos horizontes. Depois, iniciou-se a marcha, abrindo em colunas separadas, a seis de frente, para os dois lados da pista; e quando as duas serpentes coleantes se encontraram frente à tribuna e fundiram em irrepreensível marcha cruzada, a assistência compreendeu e aclamou.

A formatura no centro do terreno, realçada pela verdura do relvado, tomou com rigor a forma rectangular, preenchendo por completo o campo de jogo. Os olhos não se cansavam de admirar.

É possível que houvesse na seqüência de execução dos movimentos (o saltar inicial, por exemplo, foi nitidamente prejudicado pela incoerência da música) alguns pormenores menos ajustados; êsses, porém, não cabem em qualquer apreciação crítica que razoavelmente só pode ser de conjunto e francamente favorável.

Outro tanto diremos da exhibição da classe feminina da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho: ocupando o centro do terreno,

ARRAIALI ARRAIALI PELO DESPORTO DE PORTUGALII

Na inauguração do grandioso ESTÁDIO NACIONAL que Salazar fêz construir para o desporto português

viveram-se momentos de rubro entusiasmo e profunda emoção

arenas monumentais; desfilaram no vasto campo as massas compactas de executantes e as longas teorias policromas de desportistas que se retinam nas famigeradas organizações internacionais e um público incontável e subjugado; vibrou de entusiasmo desportivo ante a beleza clássica das lutas do atletismo e as peripécias empolgantes de sua magestade o futebol.

Podem repetir convictos, a si próprios, todos os espectadores da jornada magna do desporto português: nunca mais viveremos hora igual! Igual no simbolismo, igual no fervor patriótico, igual na expectativa e no júbilo de nossos corações!

O público soube demonstrar, com o calor e o carinho das suas ovações, ao Presidente Carmona e ao presidente Salazar, a cujos nomes se associava a memória saudável de Duarte Pacheco, o seu agradecimento e a promessa compreensiva das responsabilidades futuras. Hoje, graças ao cumprimento da promessa de 1933, todas as ambições são permitidas ao desporto português: temos onde receber as mais honrosas visitas, onde promover as mais solenes competições.

O tempo é um marchador perpétuo, que nada detem e não reconhece sentimentalismo; para ele cada minuto morre, sempre idêntico, no sexagésimo segundo; ele foge em ritmo invariável, mas os homens, — que o acompanham na corrida para a incógnita do amanhã, que procuram iluminar com o foco azulino da esperança —, voltam para traz, para as imagens que o esfumam no bruxoleante ocaso da saúde, à luz perscrutadora da memória, quando as não querem perdidas.

Assim será para esta jornada de sábado; todos nós, os que nela participamos como intérpretes, organizadores ou espectadores, afirmaremos para sempre, com vaidade que os vindouros talvez não compreendam: «Eu estive na inauguração do Estádio Nacional! A hora de nunca mais!»

SALAZAR CARREIRA

na graciosidade helénica das suas túnicas azuis, as trezentas raparigas cumpriram a sua missão e a assistência não regateou aplausos ao conjunto, sem fixar reservas em detalhes que só as atenções mais experimentadas sabem encontrar.

Pode afirmar-se que a gymnástica teve brilhante representação na jornada de 10 de Junho, traduzindo com propriedade o alcance da expansão conseguida em todos os sectores da vida nacional, pela aturada propagação e pelos esforços dos organismos oficialmente instituídos pela orientação do Estado.

A presença de tantos milhares de crianças no Estádio Nacional, nesse dia de memorável em que, pela primeira vez, acolheu em suas gradarias o público desportivo e se engalanou com a presença na tribuna de honra das mais altas figuras da Nação, teve ainda, seguramente, um efeito reflexo, de funda projecção no futuro e por isso mais de exaltar — porque nenhuma esquecerá, pela vida adiante, o momento em que participou guardando imperecíveis impressões de exaltação patriótica e uma lembrança que será a melhor garantia de fidelidade aos exercícios de educação física, cujo interesse nacional a grandiosa cerimónia consagrou.

O ATLETISMO FOI O PRIMEIRO DESPORTO PRESENTE NO ESTÁDIO NACIONAL

CLOUBE ao atletismo a honrosa e justificada incumbência de estreir no Estádio Nacional a competição desportiva. O programa, reduzido pela força das circunstâncias a três provas, foi à última hora diminuído para duas, apenas reconhecida a impossibilidade de marcar as linhas dos corredores periféricos para a estafeta, em virtude da pouca consistência da pista revolvida pelo desfile dos 3.600 filiados da Mocidade Portuguesa.

O piso da pista, integralmente formada por jorra miúda, sem pó de carvão, sem pó de teijolo ou areia argilosa que servissem de aglutinante, está demasiado solto e todos os corredores se queixaram da sua pouca consistência, prejudicial ao aproveitamento do esforço muscular. Parece, portanto, existir uma deficiência fácil de remediar, mas que fica sujeita a estudo, para que venha, tecnicamente, a corresponder ao que dela é legítimo esperar.

Apesar das dificuldades surgidas à última hora, e em contra de certos boatos espalhados na véspera, com regozijo, por alguns famosos amigos do atletismo, a sua representação foi mantida no programa e correspondeu em absoluto ao que dela se esperava, tanto por parte dos atletas participantes, como pelo reflexo de entusiasmo e emoção do público.

As primeiras aclamações, os primeiros incitamentos, as primeiras palavras que atroparam o recinto monumental do Estádio, foram geradas pelo interesse de duas corridas de 100 metros e, mais ainda, de uma linda prova de 800 metros.

Nunca o atletismo sonhara ter tantos espectadores a aplaudi-lo; e nunca, com certeza também, tantos espectadores se deixaram arrebatados pelo poder emocional de uma luta desportiva que desconheciam.

Mal findara o desfile dos filiados da Mocidade, após a sua demonstração de gymnástica, entraram na pista, saindo da abertura do túnel, os atletas que haviam de correr e aquêles que haviam sido seleccionados para a prova de estafetas e com profunda mágoa sofreram a desilusão de forçado alheamento. À frente vem Salazar Carreira, delegado da Federação junto de Comissão Organizadora, e os componentes do júri: eng.º Pires Ventura, Armando Sá, Alfredo Salcedo e Júlio Santos.

Todos alinham em frente da tribuna de honra e fazem a salvação ao sr. Presidente da República. O público aplaude, incitado pela presença das camisolas clubistas que admira e prefere.

Na primeira série dos 100 metros alinham os seis melhores corredores indicados pelos seis clubes de maior tradição no atletismo português: Académica de Coimbra, Académico do Porto, Benfica, F. C. Porto, Inter-nacional e Sporting.

A corrida foi renhida até à meta e quatro homens terminaram muito próximos uns dos outros: Alfredo Abrunhosa, do Sporting, em 11,2 s., foi o primeiro vencedor em competição desportiva no Estádio Nacional. Justo prémio a um atleta trabalhador e valoroso, que a sorte nunca ajudava e encontrou, no melhor momento, a sua melhor e mais ambicionada vitória.

Seguiram-se na classificação: Fernando Ferreira (Benfica), a um peito; Abreu Lima (A. Coimbra), a meio metro; e Romero (F. C. P.), quasi na mesma linha; bastante distanciados chegaram Edgar Tamegão (Académico) e Bendeira Bastos (CIF).

A segunda série foi muito menos equilibrada: o sportinguista Manuel Nuncio destacou-se desde a partida e, nos mesmos 11,2 s. do vencedor precedente, bateu Eugénio Eleutério (Benfica) por dois metros, Helder (A.A.C.) e os outros a muito maior distância.

A corrida de 800 metros, que fechou o programa atlético, foi muito bem disputada e arrebatada ao público, que aclamou desde a partida os concorrentes e se deixou positivamente arrebatado pelo entusiasmo da luta, durante a volta final.

Partiram onze corredores e João Jacinto tomou logo a cabeça do pelotão, que se manteve quasi grupado durante a primeira volta; ao entrar na recta oposta vão os três homens do Sporting à frente, mas Costa Pereira embala e vem atacar Jacinto, sem conseguir alcançá-lo. O campeão nacional cada vez se distancia mais e entra na meta com perto de 20 metros de avanço; mas, atrás dele, a luta é áspera.

Parreira conseguiu passar Castelo Branco na última curva e colocar-se em terceiro, mas o enérgico estreante «leonino» reagiu nos cincoenta metros finais, voltou a ultrapassá-lo e cortar a meta quasi na linha de Costa Pereira, dando a impressão que o teria batido com um pouco mais de decisão e experiência. De qualquer forma, uma estreia auspiciosa.

A classificação dos primeiros foi a seguinte: João Jacinto (Sporting) em 2 m. 4,2 s.; Costa Pereira (Benfica) em 2 m. 7 s.; Castelo Branco (Sporting) em 2 m. 7 s.; Francisco Parreira (Sporting) em 2 m. 10 s.

S. C.

A GRANDE E IMPONENTE PARADA DOS DESPORTISTAS

COM a inauguração solene e oficial do Estádio Nacional, a mocidade de Portugal, completou, na data de 10 de Junho de 1944, Dia da Raça, uma das mais belas conquistas da sua História.

Vitória sem sangue, sem lutas ferozes, sem guerras. Vitória da confraternização, do trabalho, da paz, — virtudes estas que o espírito desportivo, mais do que admite, exige. Triunfo, por tudo isso mesmo, mais digno mais nobilitante. Vitória dos músculos e da inteligência, posta ao serviço da destreza, da força e da beleza. Vitória integral, absoluta, inofensável, da educação física e do desporto, dos homens e das colectividades que na terra lusa os têm praticado e enaltecido. Orgulho de todos nós que, de qualquer modo, os temos servido. Orgulho daqueles milhares de rapazes que pisaram, pela primeira vez, a pista airosa do Estádio Nacional, e de todos os que, presentes ou ausentes de corpo, os acompanhavam, afinal, sempre.

Conquista, portanto, de sucessivas gerações; conquista da mocidade actual, promessa de uma raça futura mais forte e mais valorosa; conquista de Portugal inteiro, só possível, porém, pela inteligência, elevada visão e arraigado patriotismo dos homens bons que orientam hoje os seus destinos!

Bela, imponente, grandiosa, a Parada do Desporto, da Juventude — a grande Parada dos Triunfadores! Centenas de bandeiras — as mais gloriosas do desporto português; dezenas e dezenas de colectividades de todo o país; cinco milhares de gymnastas e de praticantes de todas as modalidades desfilaram e se reuniram ali, frente aos mais altos dirigentes da Nação, para lhes agradecer o Estádio Nacional e para lhes provar, uma vez mais, que o desporto e a educação física portuguesas bem o mereceram, porque alguma coisa são, alguma coisa valem!

Espectáculo inolvidável êsse — o do desfile! Disciplina, brío, correcção de movimentos. Pisar firme, reflectindo confiança na própria força; olhar em frente, sereno e activo, traduzindo confiança no futuro.

Conjunto indiscreto de cores e de distintivos. Adversários que se defrontam nos terrenos de luta e que se respeitam e se admiram, confraternizando, coração com coração, irmanados pelo mesmo pensamento e pelo mesmo ideal, ali desfilaram, ali estiveram a representar quantos outros milhares de ausentes, para expressarem o seu reconhecimento a quem lhes proporcionou nova oficina de saúde. E, sobretudo, para gritarem, bem alto, que com «inteligência são em corpo são», dispendo de gerações futuras mais fortes e sádias, Portugal será cada vez maior, imperecível e respeitado.

A parada dos desportistas constituiu, incontestavelmente, o numero mais espectacular e grandioso de todo o programa. O imponente cortejo foi uma verdadeira apoteose — a apoteose adequada, que a inauguração do Estádio Nacional merecia. Nunca no nosso País se assistiu a manifestação semelhante em materia desportiva. E o publico compreendeu-o. E viu-o. E, embora sublinhando com mais carinho a passagem dos seus ídolos e dos representantes dos clubes preferidos, não deixou de envolver todos nos seus aplausos e nos seus «vivas», porque, verdadeiramente, era o Desporto Português que passava e se victoriava.

Guiões à frente, um mar de bandeiras profundas e agitadas pelo vento. Um exercito disciplinado e forte de praticantes de vários desportos passa perante a tribuna de honra e da multidão que assiste, deslumbrada, ao seu garboso marchar.

Primeiro, os representantes das modalidades consideradas de «élite». Os do hipismo, com as suas casacas vermelhas bem talhadas; os tenistas, numerosos e regular grupo; os atiradores de várias especialidades, com os seus campees internacionais e nomes consagrados além fronteiras; os «esgrimistas», todos jovens, mas evocando os de fama mundial; os rapazes do remo, da vela, dos desportos nauticos, etc. Depois, os gymnastas, figuras esbeltas e bem proporcionadas, marchando com ritmo e brío que se salientam. Por fim, os rapazes dos desportos considerados populares: os de «basket», os de «hand-ball», os de «rugby», os de «volley», os de «hockey», os patinadores, os ciclistas e os jogadores de futebol, — nomes que a multidão decorou e aplaude, mais vitorizados, possivelmente, porque andam mais perto da alma e do coração do povo.

E ali estiveram todos, dos mais consagrados aos mais humildes, contribuindo, anonimamente afinal, para o brilhantismo e imponência da maior manifestação desportiva efectuada até agora no nosso país.

A «velhinha» Associação Naval; o prestigioso Clube Naval; o glorioso Ginásio Clube Português; o simpático Ateneu; o progressivo Lisboa Ginásio Clube; os expoentes máximos do desporto provinciano, como o Sport Clube do Porto, os clubes nauticos da Figueira da Foz e do Norte; as salas de armas e as sociedades de tiro, todos — todos estiveram presentes, condignamente representados, em conjunto com as camisolas de várias cores das colectividades mais populares: o Benfica, o Sporting, o F. C. Porto, o Belenenses, o Atlético, o Estoril-Praia, o Futebol Benfica, o Fósforos, a Académica coimbrã, o Carnide, o Olanhense, o Chelas, o Salgueiros, o Vitória Setubalense, o Unidos, o Barreirense — tantas dezenas de agremiações mais, algumas bem humildes, mas cujos nomes é difícil reter e desnecessário apontar, porque foi da sua junção, afinal, que saiu o brilhantismo do glorioso e imponente desfile!

A concentração no campo do Estádio, com a «Mocidade Portuguesa» nas alas laterais, constituiu policroma aguarrela e grandiosa demonstração de quanto podem o desporto e a educação física.

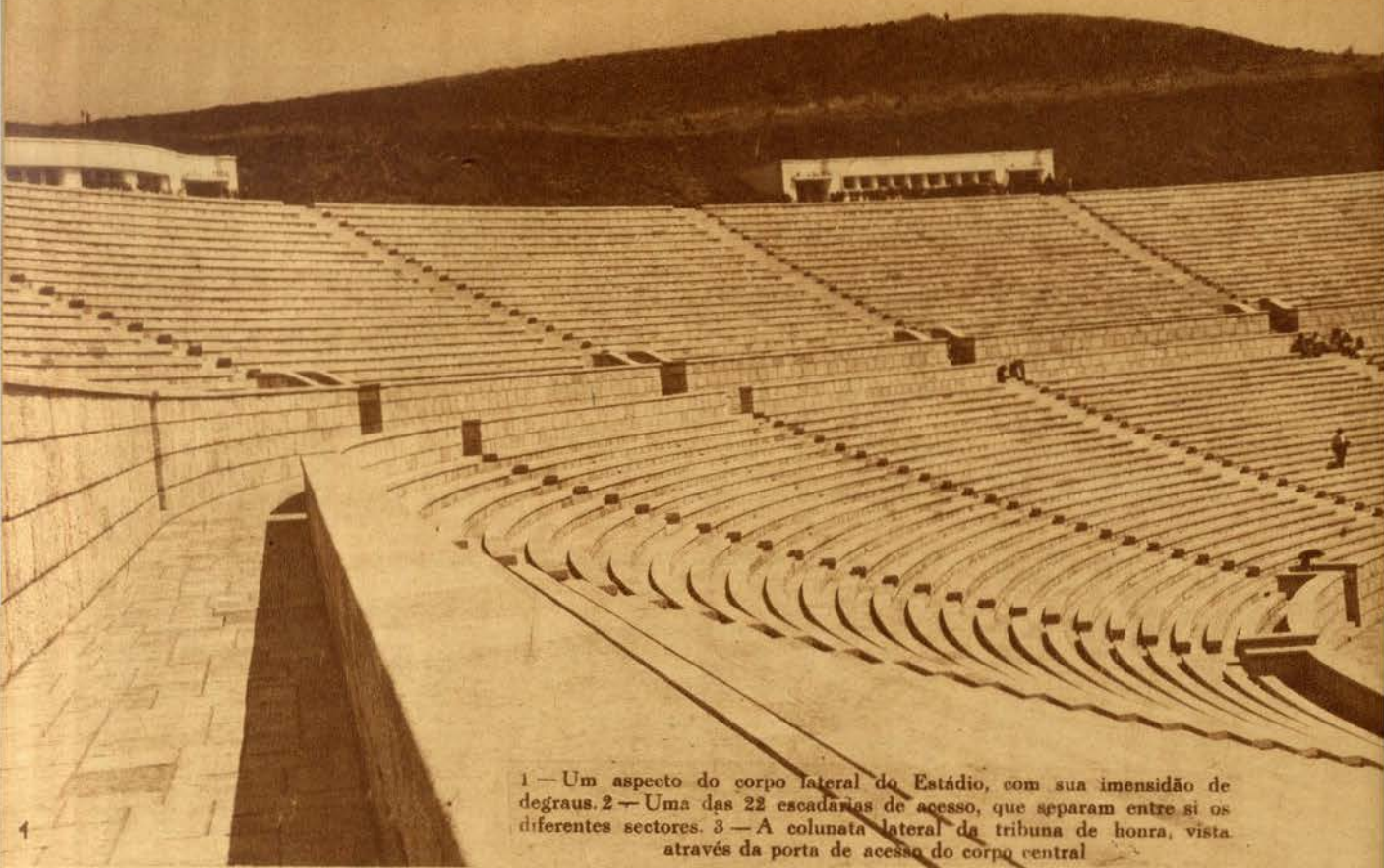
C. C.

SPORTING — O PRIMEIRO VENCEDOR DA RELVA DO ESTÁDIO NACIONAL

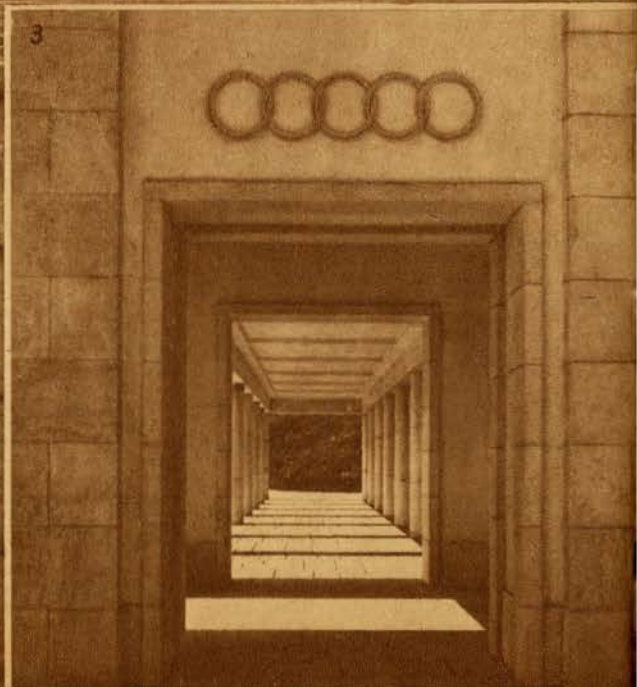
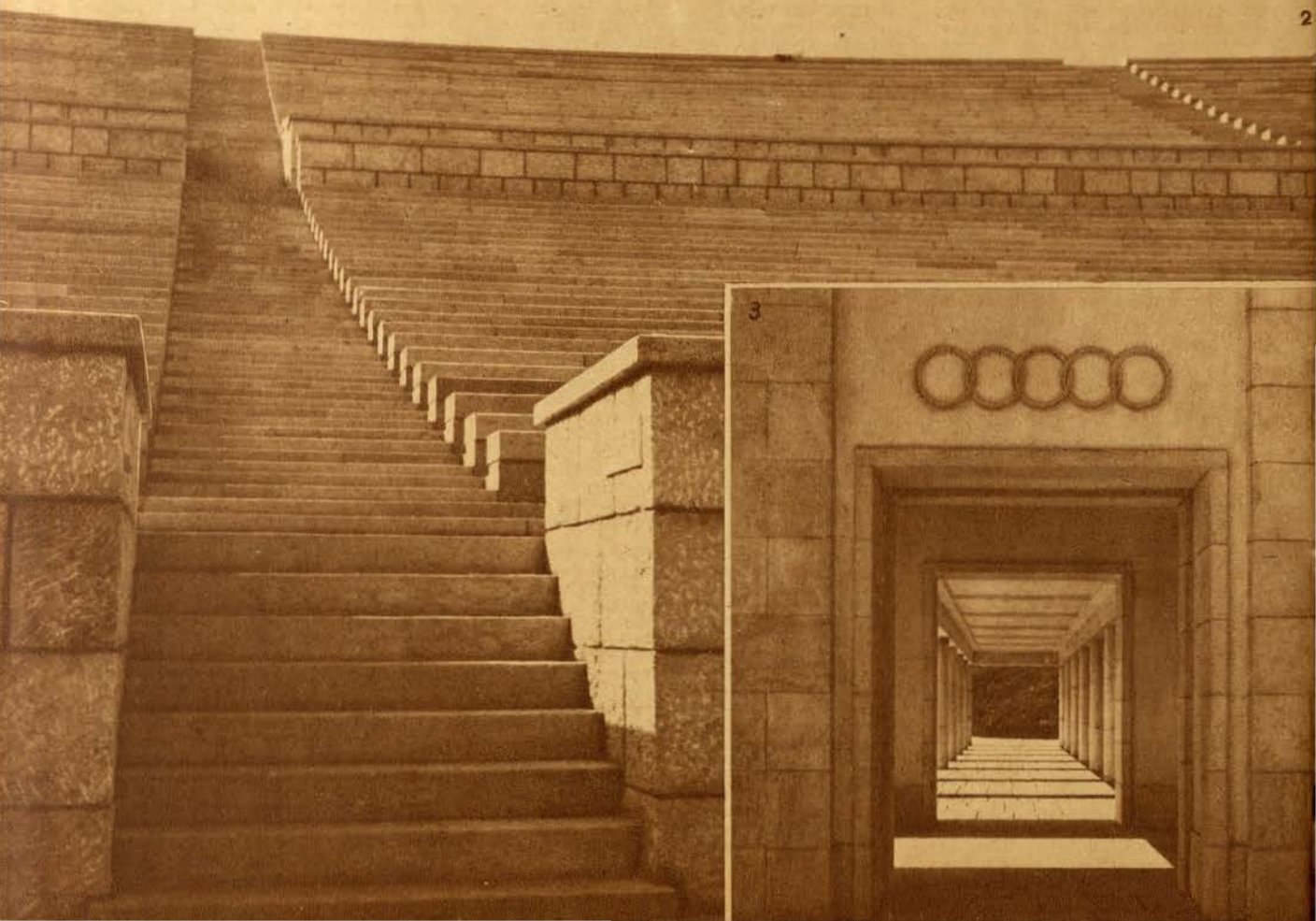
TANTAS vezes já se têm dito estas coisas que parece impossível como elas ainda não entraram na cabeça de alguns jogadores. Com vento, quer contra quer a favor, não se deve sistematicamente levantar o jogo, pois nessas condições o domínio de bola torna-se difficilissimo, não havendo possibilidade de dar a passagem a necessária conta e certeza. — Que fazer, portanto? Coisa simples e tão conhecida, que chega a admirar como é preciso ainda (pelos vistos, muito preciso) insistir no caso. Nada mais, nada menos, do que baixar o jogo, fazer rolar a bola sobre a relva em movimentos rápidos, de boa geometria. E que lindo que é o futebol quando jogado nesta tática...

No Estádio Nacional, cuja boca de acesso convida o vento a entrar, raramente os jogadores, tanto de um como de outro bando, fizeram o

(Continua na pág. 22)



1 — Um aspecto do corpo lateral do Estádio, com sua imensidão de degraus. 2 — Uma das 22 escadarias de acesso, que separam entre si os diferentes sectores. 3 — A colunata lateral da tribuna de honra, vista através da porta de acesso do corpo central





1



3

2



4

1 — Às 17 horas precisas, o sr. Presidente da República chega ao Estádio Nacional. 2 — O sr. general Carmona assoma à tribuna e saúda a multidão que o aclama. — 3 A chegada do sr. Presidente da República e do dr. Oliveira Salazar, a assistência, de pé, aclama-os numa entusiástica manifestação de carinho e reconhecimento. 4 — Aspecto da tribuna de honra, durante a cerimónia inaugural

A POPULARIDADE DO CIENTÍFICO JÔGO

QUANDO em Janeiro de 1933 se fundou o Grupo de Xadrez de Lisboa, iniciando-se assim uma nova era na história do xadrez em Portugal, o prestígio do nobre e científico jôgo, como exclusivo de aristocratas e doutorados, sofreu a primeira estocada. Outros indivíduos, menos categorizados e pertencentes a mais modesto sector da sociedade, reclamavam o livre direito de experimentarem também a emoção peculiar daquele belo exercício mental, associando-se, cerrando fileiras, para que fosse mais profícua e extensa a cultura da técnica e da teoria do complexo passatempo.

As dificuldades que se opunham à difusão do xadrez podiam considerar-se quasi insuperáveis, dado que a tradição o colocava acima de uma intelectualidade menos pretenciosa que aquela notada então no amadorismo do «jôgo-ciência». Preconceitos absurdos criavam em torno da modalidade certa atmosfera de suma distinção, tão vulgar nos chamados jogos elegantes. Predominava, embora não correspondesse à verdade, a convicção da incompatibilidade das índoles do xadrez e da juventude.

Não se atreviam a contestá-la as escassas dezenas de amadores que estacionavam vulgarmente nos «cafés» da Baixa — anónimos, habilidosos e cheios de boa vontade, sem dúvida, mas impossibilitados, ante o ambiente característico dos grandes centros de reunião, demasiado rumorante e incompatível com os longos períodos de reflexão requeridos, de jogarem o verdadeiro xadrez — aquele que Leibniz, filósofo e matemático de grande renome, considerava «demaziado jôgo para ser ciência, mas demaziada ciência para ser jôgo».

As circunstâncias salientavam a necessidade de se agruparem todos os adeptos da modalidade, de modo que se pudessem preencher, enfim, a lacuna que a nossa terra exhibia perante o progressivo desenvolvimento do xadrez cosmopolita. É que a actividade xadrezística de então limitava-se, a bem dizer, ao Grémio Literário — «centro rico e de sobejo aristocrático para que pudesse constituir bom foco radiante de idéias, que são sobretudo assimiláveis pelos desprotegidos da fortuna» — como disse o dr. Mário Machado, o nosso acreditado campeão nacional. De facto, multiplicavam-se as desvantagens de tão rigorosa selecção de cultivadores do xadrez. A modalidade sob o ponto de vista desportivo, tardava em obter expressão que satisfizesse.

Urgia, pois, a criação de um clube da especialidade. A aspiração era soberana — e assim nasceu o G. X. L. e ressuscitou a Federação Portuguesa de Xadrez!

Os benefícios que se obtiveram imediatamente com esse agigantado passo para mais expressiva popularidade — excedeu as melhores perspectivas dos grandes mentores do movimento.

Carlos de Araújo Pires, Alfredo Mazoni da Costa, Henrique Mantero e Alvaro de Carvalho — os sócios fundadores — encarnavam no momento o protótipo da geração que se afirmava. Fácil lhes foi reunir na modesta sala da Sociedade de Geografia uma centena de entusiásticos amadores, decerto menos eruditos do que os impenitentes xadrezistas da época, mas por igual inteligentes e esforçados, que souberam manter o nível do xadrez de então e rivalizar com os mais acreditados valores contemporâneos.

Não devemos, porém, olvidar, ou diminuir sequer, a acção desenvolvida até então pelo velho Grémio Literário, que durante muitos anos foi fonte de inúmeras afirmações de actividade escaquistica do país, ou pelos seus elementos mais autorizados, que foram dos primeiros a reconhecer as vantagens da popularidade do jôgo, ingressando na lista dos sócios do nôvel Grupo e contribuindo mais tarde para o seu engrandecimento.

O êxito foi completo e repercutiu-se, como é obvio, por todas as terras do país. Fundaram-se sucessivamente os Grupos da Póvoa de Varzim, Porto, Setúbal e Coimbra, e actualmente chegam-nos notícias de propósitos de se agruparem os xadrezistas de Braga, Torres

Vedras, Faro e Portimão. Como é natural, a capital continua a evidenciar superioridade flagrante, quer na qualidade do jôgo praticado, quer no número dos seus adeptos. Depois do Grupo de Xadrez de Lisboa — onde conjuntamente funciona a Federação, que é filiada na F. I. D. E. (Federação Internacional dos Êchecs) — criaram-se secções de xadrez em importantes colectividades recreativas e culturais como Instituto Superior Técnico, Sport Lisboa e Benfica, Imprensa Nacional, Café Martinho, Instituto Comercial de Lisboa e Hockey Clube de Portugal.

São números satisfatórios, sem dúvida. Contudo, não obstante os esforços dispendidos no sentido de popularizar a modalidade em todos os centros, verificamos com pesar que existe um sector — o operariado — que pela influência do seu campo de acção considera ainda o desporto intelectual, nomeadamente o jôgo do xadrez, como que uma miragem fora do alcance da sua esfera...

E por quê tal alheamento? De modo geral, os trabalhadores portugueses, quando terminado o período escolar — talvez aquele em que as faculdades intelectuais foram chamadas a intervir em todo o seu esplendor — habitam o raciocínio a certa indolência. Assim inferiorizados, não é de admirar a dificuldade que os seus cérebros experimentam na aprendizagem da mecânica do xadrez.

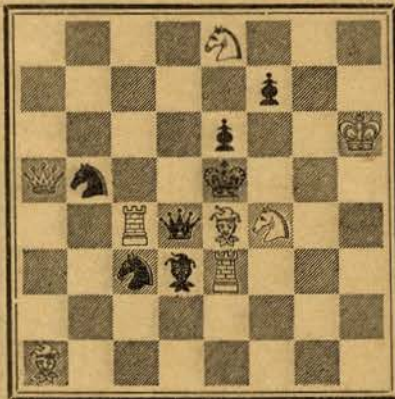
Para combater esta espécie de sedentariedade mental, que tão nefasta se torna nos seus múltiplos aspectos, não é preciso mais do que a força de vontade suficiente para dominar a complexidade dos preliminares do xadrez — jôgo que é um exercício poderoso, capaz de desenvolver o potencial da mais modesta inteligência e de proporcionar momentos magníficos de recreio espiritual.

VASCO SANTOS

PROBLEMA N.º 14

Inédito

J. G. SOARES DA GRAÇA



COIMBRA

Mate em 3 lances

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ANTERIORES

N.º 12: 1. f2-f4. Ameaça 2. f4-f5 mate. Se 1... exf1 n.p. (variante temática) 2. Cd4 (auto-pregagem negra). Se 1... e4-e3; 2. Dd3 1... B x f4; Td7 1... g4 x f3 n.p. (var. temática) 2. Dd3 (abertura de linhas).

Este problema, publicado pela primeira vez na «R.F.X.», com o Bdg em c2, apresentava assim a seguinte demolição: 1. Cc2 x d6!. Agora, rectificando a posição, tal hipótese já não existe por causa de 1... B x b5!

N.º 13 (inédito) — 1. Dc1. A chave, muito fraca, ameaça 2. Df4, batendo a fuga d6. Se 1... Rd6; 2. D x c5 (intercepção do bispo). Se 1... D x c1, então 2. Cd7 mate (pregagem do B e abertura de linha). A idéia temática desta composição reside na semi-pregagem, mas esta não foi suficientemente explorada. Uma única variante é, evidentemente, muito pouco para um tema de tão inegáveis recursos, mas se atendermos ao facto de se tratar da primeira produção do jovem autor coimbricense torna-se compreensível a modestia do problema. De facto, é natural que saltem à vista de problemistas experimentados alguns pormenores técnicos que logo identificam a propriedade do trabalho. A acção limitadíssima das peças brancas, a fuga do rei sem mate preparado, e a pobreza de conteúdo são, porventura, os principais. Eis, em resumo, um trabalho característico do principiante, a quem não negamos prometedoras qualidades e forte vontade de progredir.

Notas & Comentários

AS condições em que tem de ser feita parte do original da «Stadium» não permite dar actualidade a todos os comentários. E há alguns que passam da altura própria. Mesmo tarde, não queremos, porém, deixar de nos referir às feições desportivas enquadradas na «Queima das Fitas», em Coimbra. Houve dois números de especial relevo — o encontro de um g. ujo misto da Associação Académica contra o «unze» que conquistou a «Taça de Portugal» de 1939, ganhou com brilhantismo plos vencedores de há cinco anos; e a homenagem prestada ao dr. Armando Sampaio, a quem a Académica deve serviços de grande valor na preparação de novos atletas. Armando Sampaio mereceu completamente a homenagem. Foi um acto de justiça — e de gratidão.

O Hockey Clube de Portugal festeja, agora, um novo aniversário da sua fundação. E' dos clubes mais simpáticos, zelosos e discretos. A sua obra é notável em vários desportos. E, para realçar a forma como encara a respectiva prática, até tem uma secção de xadrez.

MERECER registar a animação observada em clubes que se dedicam principalmente à gymnástica. O Gimnásio teve há pouco a sua semana — e o Lisboa Gimnásio andou empenhado numa iniciativa idêntica. O Gimnásio prepara o festival no Coliseu de Lisboa. E dois clubes portugueses promoveram espectáculos semelhantes — o Sport Clube e o Feminino. Podemos, pois, concluir que a gymnástica entrou num período de grande actividade.

PODEMOS, como contrapartida, dizer também que outros desportos não atingiram ainda a fase de pleno trabalho. A nataçao encontra-se nesse caso. Fizeram-se apenas algumas provas escolares — em Lisboa. Sómente há referência à actividade nos clubes lisboenses do costume — Algés, Estoril, Pedrouços e Nacional.

No Porto e em Coimbra só se trabalha com os rapazes da «Moçidade Portuguesa». E' de facto pouco — mesmo para principio de temporada.

SAO boas as perspectivas do atletismo. Os clubes comegaram a trabalhar e dedicam-se com entusiasmo à preparação das provas. Em Lisboa, realizaram-se, primeiro, torneios de clube, para sócios e simpatizantes. O Internacional tentou, depois, encontros entre dois clubes. A sua segunda iniciativa deste genero foi a de um «match» entre atletas do Internacional e do Casa Pia, com as características de homenagem ao Comité Olímpico Português. Parece-nos acertada esta orientação. Partindo do simples para o complexo, estas provas internas para as grandes competições inter-clubes, devem ser melhores os resultados — e não se afastam prematuramente atletas que não tenham ainda estofos para campeões.

ALGUMAS figuras de relevo no desporto nacional vão desaparecendo, a pouco e pouco. Coube agora a vez a José Maria Graça, que foi brilhante jogador de futebol no sntex de honra do Casa Pia Atlético Clube e na equipa representativa de Portugal. Morreu ainda novo. Disciplinado, correcto e dedicado, deixou muitas saudades.

A Alvaro Graça, seu irmão e companheiro de equipa, e à direcção do Casa Pia, A. C. endereçamos o nosso cartão de pêsames.

Resolveram ambos os problemas, os srs. Eduardo Moura, dr. Nogueira Rodrigues, eng. H. Barroso, José Lopes Correia, Rui Soares, João Carlos Duarte, Joaquim Monteiro, António Machado, Serafim A. Pacheco, Eduardo dos Santos, António David, dr. Abílio Ferroira, João Esteves, Alberto Sampaio, Diamantino Velga, Bartolomeu da Costa e Sousa, Alfonso Brito, Joaquim Amores e Orlando Casimiro dos Santos. O n.º 12 foi também solucionado pelo sr. E. Sauches, e o n.º 13 pelos srs. Hans Schneider, L. Ventura e Henrique Marques.

O inédito publicado no nosso n.º 6, transcrito depois na Rev. Port. de Xadrez, foi demolido pelo distinto problemista daquele periódico, sr. A. Pereira da Silva, de Vendo do Pinheiro, com a solução imprevista 1. Dd3, seguido de 2. Dg2 mate! Com prejuizo da estética do problema, o único recurso para o tornar correcto é colocar em h2 o Cd4 — o que deve acarretar ainda maior facilidade de resolução.

A propósito, registar-se a vitória do sr. Pereira da Silva no «Magna Coucurso de la Casa Jeresana Gutiérrez Hermanos», classificando-se, com dois solucionistas espanhóis, em 1.º lugar. As nossas felicitações.

ALEM de todas as leis e regulamentos que regem ou fiscalizam as actividades desportivas, mesmo nas relações entre colectividades ou individualidades, outras há a que os desportos ou os seus praticantes têm de subordinar-se, na própria accepção da palavra desportistas.

Erradamente, há quem pense que, para ser um bom desportista, basta possuir classe, conhecimentos técnicos e valor pessoal. Não é bem assim. Para que essa título lhe caiba, na mais tida e expressa, é necessário que o desportista seja cortez, respeitoso para com os seus colegas ou adversários, para o público e para quem dirige as partidas. É um principio axiomatico, cuja evidencia se encontra dentro daquilo que se entende na formula — bom desportista.

Raro é aquele que assim procede. Desde há muito que existe certa tendencia, criada não se sabe bem como, para desvirtuar os principios basilares do desporto, no seu aspecto de urbanidade. Os praticantes de hoje tem quasi todoo noção muito errada ou confusa do que seja ser desportista. Excusamos de apontar factos, que são de todos os dias. Pela sua evidencia manifesta, dispensam exemplos.

E, por isso, entrou-se pela disciplina dentro com força, obrigando todos ao acatamento do que está preceituado no capitulo de correção em campo.

Não sabemos a que obedece o uso de durezas escusadas, nem percebemos que vantagens poderá trazer o mau uso do poder fisico.

Se somos todos obreiros da mesma causa, se o nosso ideal é só um, por que desvirtuar a razão de ser dos desportos? São homens que se batem por um principio belo, pela causa abraçada com plena consciencia das responsabilidades que assumimos? Se assim é, por que não proceder com lealdade, espirito desportivo, calma e serenidade, nas horas amargas da derrota?

Chega a parecer que os nossos bons sentimentos, o nosso cavalheirismo, a causa do fraco defendida pelo forte, todo esse satorio de casos que a nossa historia conta, fenecem, embotam, dando lugar a luta incruenta, bárbara e vergonhosa.

Mas se os campeões são premiados, elogiados, têm os seus nomes sublinhados em letra de firma, a sua figura impressa a cores, — e para elles há medalhas, tapetes e outras demonstrações de reconhecimento pela seu esforço, por que não se há-de criar um premio, importante pela sua finalidade, para aqueles os aquelles praticantes que terminam um ano de actividade permanente sem que o seu nome seja mal apontado no boletim de uma arbitragem?

Seria um estímulo. E, infelizmente, há precisão de se realçar todo aquelle que não faz mais do que o seu dever. Por que mesmo o dever cumprido merece recompensa, não dispensa premio. Bem sabemos que o ser bem comportado é uma obrigação, mas assim como se condemnaram os soldados que passavam tantos anos de exemplar comportamento, pela mesma razão deverão ser esculhados os que, nas pugnas desportivas, nunca esqueceram o respeito que devem a si próprios e aos adversários.

SEMANA A SEMANA

Os Campeonatos Nacionais de Remo da M. P.

Tiveram a sua efectivação nas aguas do rio Douro, este ano, os campeonatos nacionais de remo da «Mocidade Portuguesa». Correram as tripulações de Lisboa, Porto, Viana e Espozende.

De todas, a que mais impressionou pelo equilibrio revelado, foi a de Viana. Atleticamente bem constituída, denotando corpos trabalhados pela gymnastica, os oito remadores da «Princesa do Lima» foram os melhores representantes do norte contra a excelente turma lisboeta. O grupo da capital revelou igualmente força e técnica, além do indispensavel espirito de equipa.

Para os jovens — não se pode exigir mais. Mas gostaríamos de ver melhor sentido de responsabilidades da parte de alguns remadores — falamos em globo — isto é, vontade firme de acertar, tenacidade no treino, eota-parte de querer dar à equipa o conjunto necessário para obter o triunfo.

Especialmente nos remadores do Porto, há ligeiros defeitos que precisam ser corrigidos. E, para isso, basta que compareçam aos treinos, que oçam e sigam os ensinamentos do competentissimo mestre que têm. Sem a dedicacão e o interesse esforçado de todos, um só nada pode fazer.

Leixões-Foz do Douro a nado

O Galitos da Foz, clube a que se deve a organizaçao de interessantes provas de nataçao no mar, projecta a realizaçao, para a presente época, de uma nova prova, a ser disputada entre o porto de Leixões e a foz do Douro. Depois da milha do mar e da meia milha, esta prova deve ser das mais importantes, se não das mais dificeis.

(Conclui na pág. 19)

Particularmente, já têm sido instituidos premios de correccão desportiva, um dos quais, se não erramos, foi attribuido ao conhecido jogador benfiquista Espirito Santo. Pois é isso mesmo que deve voltar a fazer-se, mas com caracter oficial. As Federações de todas as modalidades desportivas deverão criar, ou pensar na criaçao, de qualquer forma de recompensar aquelles que não deram que fazer e que escrever na casa das penalidades da sua ficha individual.

Porque tudo quanto se fapa para fomentar a cortezia nos desportos é trabalho útil e, como tal, merecedor de franco aplauso e de calorosa adhesão.

MÁRIO AFONSO

HANDBALL

NOTAS SOLTAS

O Campeonato do Porto fechou com uma série de deslizes da parte dos corpos gerentes... A Associaçao e o seu Conselho Técnico, no ultimo momento, deram fratas provas, que são incompativeis com a categoria pessoal dos seus componentes. As resoluções dos protestos do Vilanovense e do Vigorosa, a anulaçao do jogo Porto-Vilanovense e a «vitoria» da A. H. P. na «secretaria», sobre o Sport, levando-o ao ultimo lugar, são os factos mais salientes do ultimo periodo da época.

Desde a fundação da Associação regional, não consta haver um protesto que, na invocação de erros de arbitragem — um «off-side» não visto pelo árbitro — tenha merecido a anulaçao do encontro. A abrir-se precedentes desta natureza, não faltariam protestos daquelles clubes que, não vencendo no campo, procurariam imagináveis faltas dos árbitros para se elevarem a uma posiçao que não conseguiram pelo esforço dos seus jogadores.

O espaço de dois meses na resolução de um assunto tão simples, ainda que se invoque a dificuldade (sic) de fazer retirar o Conselho Técnico, é mais do que suficiente para prejudicar os grupos interessados. Veja-se a não comparacão do Boavista à repetição de um jogo que tinha ganho, sem discussão.

Os inconvenientes da legislaçao da A. H. P. se manter dispersa, sem ordem, depois das mutilações que os «profundadores do tempo» fizeram nos últimos anos, além de outros, estão agora à vista com a «escolha» do Sport, pela A. H. P., para este fazer os jogos de passagem com o 1.º classificado da 2.ª divisao. Não recorrendo à sua regulamentaçao que, claramente, preconizava o caminho a seguir, a Associação, extemporaneamente, consultou a Federaçao, que aconselhou um recurso — embora defendavel, tambem — que está em desacordo com o regulamento desportivo da A. H. P.

Todas estas coisas se evitavam — mas persistiu-se no erro, com prejuizo de alguns clubes e causando mau efeito na opiniao pública.

Sob o aspecto técnico, o jogo Porto-Vilanovense, realizado para repetição do que fora anulado, foi um verdadeiro sucesso. Os grupos jogaram em cheio, à base de energia e nunca esquecendo o bom sentido do conjunto. Confirma-se o equilibrio de valores, ainda que obedecendo a sistemas diferentes.

A etapa que se segue, do Nacional, vai proporcionar jogos emotivos, em que os nossos representantes, por certo, defenderão condignamente o nome do «handball» sertenho. — LEME

GRANDELLA

RUA DO CARMO ★ RUA DO OURO

OS ÚNICOS GRANDES ARMAZÉNS DO PAÍS

VENDA DIRECTAMENTE AO PÚBLICO DE TODOS OS PRODUTOS DA INDÚSTRIA NACIONAL A

PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

No rés-do-chão

- Rua do Ouro ★
- MALHAS ★
- MEIAS ★
- LANIFÍCIOS ★
- FANQUEIRO ★
- LINHOS ★
- PERFUMARIA ★
- CAMISARIA ★
- GRAVATARIA ★
- LENÇARIA ★
- LUVARIA ★
- NOVIDADES ★
- ETC. ETC.

No 1.º andar

- Rua do Ouro ★
- ALFAIATARIA ★
- ALGIBEBE ★
- MALHAS ★
- CHAPELARIA ★
- SAPATARIA ★
- BRINQUEDOS ★
- PAPELARIA ★
- No 2.º andar
- Rua do Ouro ★
- MÉNAGE ★
- LOUÇAS ★
- VIDROS ★
- UTILIDADES ★
- FERRAGENS ★

No 3.º andar

- Rua do Ouro ★
- Rés-do-chão
- Rua do Carmo ★
- MEIAS ★
- MALHAS ★
- PERFUMARIA ★
- LENÇARIA ★
- LUVARIA ★
- GRAVATARIA ★
- NOVIDADES ★
- ROUPARIA DE SENHORAS ★
- RETROSEIRO ★
- SÉDAS ★
- CONFECÇÕES DE CRIANÇA ★

No 4.º andar

- Rua do Ouro
- 1.º andar
- Rua do Carmo ★
- DECORADOR
- PELES
- CONFECÇÕES DE SENHORA
- ATELIERS PARA CONFECÇÕES
- No 5.º andar
- Rua do Ouro
- MOBÍLIAS DE MADEIRA
- MOBÍLIAS DE FERRO

Os srs. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, ladeados pelos presidentes das duas Câmaras e membros do Governo, recebem saudações dos desportistas



Reportagem fotográfica do distinto amador Manuel de Seixas e de Nunes de Almeida, C. Madeira e M. Morais

1 — A imponente parada dos gymnastas trazia na vanguarda os representantes do Ginnásio Cube. 2 — Com suas garridas casacas vermelhas os cavaleiros abriam a parada dos desportistas. 3 — A representação dos amadores de pesca no grande desfile desportivo. 4 — Ante a tribuna, aclamados por sessenta mil espectadores, desfilam os porta-estandartes dos clubes desportivos, precedendo o cortejo dos representantes de todas as modalidades e regiões do país. 5 — O cortejo dos velejadores, desfilando na pista do Estádio



Artigos de sport e jogos

SPRIL

Telef. 22797 LISBOA
Rua do Loreto, 34-2.º

ED. SILVA GOMES

Import. e Export.
CONSERVAS

R. Fanqueiros, 122, 2.º E.
Telef. 95724 — Teleg. MEGOS

Repres. ante
de Fábricas
Nacionais e
Estrangeiras

LISBOA

Cutelaria e Serralharia

V.ª de José da Silva, L.ª

7-L. de Silva e Albuquerque - 7
LISBOA

**Precisa de
Dinheiro?!**

Não sabe como resolver
as suas dificuldades?

JOGUE NA LOTARIA,

mas prefira o jogo
com o carimbo da casa

GOUVEIA & SILVA

Sucessores: EDUARDO DIAS NEVES, L.ª

RUA DA ASSUNÇÃO, 84-86

A PASTORINHA

Pastelaria,
Cervejaria

44, R. CAMPOLIDE, 46
Telef. 47423

e Café
LISBOA

Joalheria, Ourivesaria e Relojoaria

«Casa das Bengalas»

Prata para prémios desportivos
Colossal sortido de Taças de

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Grande e variado sortido de objectos de
ouro, jóias, pratas e relógios

Rua da Prata, 87 a 91 - Tel. 20256
L I S B O A

MÓVEIS JOAL

DESENHAM, EXECUTAM E DECORAM

Av. Almirante Reis, 233-B (Carro do Arriero)
TELEFONE 4 4033
L I S B O A

ATLETISMO

O torneio para «Estreantes» que a «Stadium» organizou deu-nos a certeza de que o Atletismo portuense tem condições de sobejo para reconquistar o ambiente de brilhantismo e de prosperidade em que já viveu

Comentários por EDUARDO SOARES

SE alguma dúvida existia, o nosso torneio teve o condão de desfazer por completo: há público, não faltam novos praticantes e alguns dos clubes continuam vivamente interessados pela modalidade. Isto é: o atletismo portuense tem todas as condições para reconquistar o «bom» terreno perdido, desde que os dirigentes com competência e dedicação — que os há — se disponham a trabalhar, abandonando a posição comodista em que se encontram. E que assim é, demonstrou-o de maneira exuberante a nossa organização, pois a bancada do Lima registou assistência avultada — apesar de à mesma hora se disputar um importante jogo de «handball», e um outro, não menos importante, de «hockey» em campo — enquanto que na pista estiveram cerca de meia centena de jovens atletas, a maioria dos quais revelou qualidades apreciáveis e até excepcionais. Pode mesmo dizer-se que nunca, no Porto, se realizou uma competição entre «estreantes» que revelasse tantos futuros valores. Está portanto assegurada aquela renovação da «população» praticante, de que tantas vezes falamos nestas colunas, e que é indispensável ao progresso de qualquer modalidade. O nosso torneio, se outras qualidades não tivesse tido, valia, pelo menos, por nos ter dado essa consoladora certeza!

É certo que nem todos os clubes, que normalmente mantêm secções de atletismo, estiveram presentes, mas a sua ausência não foi mais do que um reflexo do estado actual da modalidade no Norte, onde os dirigentes ainda não se dispuseram a trabalhar como deviam. O torneio, porém, veio despertar o interesse que faltava — e tanto assim é que não só os «faltosos» de agora se mostram dispostos a trabalhar pela reabertura das suas secções, como se anunciam, também, várias outras organizações.

E não será descabido fazer, nesta altura, uma referência à acção da «Stadium» em favor do atletismo portuense: de princípio, com artigos técnicos; depois, por intermédio de conferências; e por último, com um torneio que decorreu da maneira mais agradável e que teve, sobretudo, repercussão bem vibrante no ambiente comodista em que vivemos. Nunca — pode dizer-se — se trabalhou tanto e tão interessadamente em favor do atletismo nortenho! Dito isto, à maneira de prefácio, falemos de relance dos pormenores que estiveram mais em evidência na nossa organização.

Braga continua a interessar-se pelo atletismo

Vencendo dificuldades de toda a ordem, os bracenses não quiseram faltar ao torneio da «Stadium» — e vieram de automóvel, no próprio domingo, até à pista do Lima, dur-nos a certeza de que na sua cidade o interesse pelo atletismo não tinha morrido ainda!

A presença dos bracenses deu-nos grande satisfação — e mais ainda pela maneira brisa como os seus representantes se comportaram.

Saídemos de especial maneira a equipa do Académico Basket de Braga e deixemos-lhe ficar aqui o nosso incentivo para que continuem a trabalhar, pois aquela cidade marcou já relevo especial no atletismo português e pode voltar aos tempos «idos», dado que por lá não

Dr. Vergílio Correia

Faleceu em Coimbra, na semana transacta, o dr. Vergílio Correia, que dirigia o nosso prezado colega «Diário de Coimbra». O dr. Vergílio Correia, que era também distinto professor da Universidade de Coimbra e arqueólogo ilustre, deixou profundas saudades. Aos colegas do «Diário de Coimbra» apresentamos sentidos pésames.

faltam elementos jovens, entusiastas pelo desporto dos «patos de pregos». E como a presença desses rapazes no nosso torneio garante a existência do referido entusiasmo, nada nos custa a crer que o atletismo naquela cidade volte aos brilhantes tempos de outrora...

O esforço de uma organização perfeita, indispensável à boa propagação

Desde que o nosso torneio era de pura propaganda, indispensável se tornava que à sua volta existisse uma organização perfeita, de maneira a garantir a regular sequência de provas e a manter o público em constante interesse.

Traçamos por isso um horário de provas que foi religiosamente cumprido. E ao cabo de duas horas e meia todo o programa se havia desenrolado tal qual o marcamos.

Ficou demonstrado, por isso, que não é necessária a presença de muita gente na pista para que uma organização atlética decorra de maneira agradável e sem provocar aborrecimentos ao público. O que interessa, sobretudo, é a existência de perfeito espírito de colaboração entre os juizes e honestidade absoluta por parte destes na maneira de ver os factos — embora estes, muitas vezes, estejam longe de agradar ao coração...

Num torneio de atletismo, como num jogo de futebol, é absolutamente indispensável que aqueles a quem está confiado o melindroso cargo de juiz possuam perfeita consciência dos seus actos — e estes têm de ser reflexo de uma visão desapassionada. Nenhuma competição desportiva pode decorrer em ambiente agradável se o seu árbitro for um incompetente ou um faccioso. Não é bem a questão de prestígio que interessa em primeiro lugar — é a questão de «saber» e de «querer ver», pois o prestígio só se ganha e só é possível com estes dois atributos.

Ora sabendo isso, procurámos rodear-nos de pessoas competentes e capazes de satisfazer as condições exigidas. E não podíamos ter sido mais felizes na escolha, pois todos aqueles em quem confiamos nos prestaram a sua melhor colaboração — que agradeceremos — e que permitiu à «Stadium» cumprir fielmente a sua missão de propagação — a qual não teria sido capaz sem uma organização perfeita, repetimos.

Falta-nos falar dos clubes e dos atletas. A eles dedicaremos a crónica do próximo número, pois o espaço a tal nos obriga.

EM COIMBRA

**AS BODAS DE PRATA
do União Coimbra**

O União Coimbra completou, há dias, vinte e cinco anos de preciosa existência. O União é, em boa verdade, um grande clube de provincia, com valor largamente afirmado em diversos desportos e com uma actividade que assenta sobretudo na rivalidade tradicional com a Associação Académica. A Académica é o clube dos estudantes — o União reúne as camadas mais populares. O embate entre os dois grupos, em futebol, é aguardado sempre com interesse e expectativa. Uma vitória do União contra a Académica, no popular desporto, tem foros de acontecimento cidadão.

Foi fundado o União há vinte e cinco anos, por um grupo de rapazes de que fazia parte Luis Lucas, das figuras mais curiosas do desporto coimbricense. O clube lá foi singrando — e hoje é das melhores agremiações locais de desporto, com um passado em que há triunfos brilhantes em mais de um desporto.

Considerações sôbre a recente sessão do Parque Mayer

Crónica de RAFAEL BARRADAS

NA última sessão do Parque Mayer houve dois combates de «boxes» cujo resultado merece alguns comentários. Vamos ao primeiro deles.

Guilherme Martins, o pêso leve em manifesto progresso, abateu o antagonista, depois de pugnacíssima luta, com um golpe duro ao tronco. O adversário, Alfredo de Oliveira, ao receber o choque da luva, reagiu de modo especial, como a seguir descrevemos: expressão de angústia na face; o tronco dobrado para a frente; a respiração, decerto, difícil; e os braços em atitude de quem procura cobrir o lugar atingido.

Era manifesto que o pugilista Alfredo de Oliveira não se encontrava em condições de defesa contra os prováveis ataques do adversário. Abandonara a «guarda» e perdera a noção de que tinha perante si um homem pronto a castigá-lo sem piedade.

O director do combate, ao reconhecer a inferior condição física — manifesta — do jogador, devia, em nosso entender, principiar a contagem dos segundos. Tal qual como se o pugilista estivesse caído no solo...

Desta maneira, evita-se que um jogador fortemente inferiorizado possa ficar ferido com gravidade, ao mesmo tempo que se lhe impõe o tempo regulamentar de 10 segundos, para aceitar a luta ou reconhecer a derrota.

Todo o pugilista batido desta maneira, isto é, quando não está em condições de recomençar as hostilidades no tempo sacramental, deve ser declarado vencido por *knockout técnico* — ou *knockout*, pura e simplesmente.

Afinal o «tôrã de combate» significa a impossibilidade definitiva de continuar combatendo.

Por tanto, a decisão do árbitro devia ter sido imediata e brusca: entrepôr-se entre os pugilistas e principiar a contagem, declarando o *knockout* se, para tanto, houvesse lugar.

O outro combate a que aludimos foi o encontro Augusto de Sousa - Figueiredo II.

A arbitragem não foi levada a efeito conscienciosamente, pois não anotou, no intervalo dos assaltos, os pontos marcados por cada jogador.

Tratando-se de um árbitro único, o melhor processo, por ser o mais prático, é o seguinte:

Atribuir, em cada assalto, 20 pontos ao pugilista que se evidenciou melhor, levando em consideração os *factores fundamentais* seguintes: 1.º, ataques efectivos com os punhos; 2.º, defesas efectivas dos ataques adversos; 3.º, tática e estilo; 4.º, poder de golpe; 5.º, resistência aos sócos; e 6.º, correcção na observância das regras.

Entre os seus elementos de maior valor em provas contam-se Diamantino França, autêntico campeão pedestre, que foi dos melhores corredores portugueses; José da Silva, internacional em futebol; e um grupo de corredores de bicicleta que valorizou vários «Pôrto-Lisboa» e algumas das outras grandes provas velocipédicas de estrada. Nos atletas mais novos, distinguem-se Ilda Raposo, excelente nadadora de braços, que no ano passado foi valorosa competidora de Rosa Lopes, no campeonato nacional da especialidade.

Este ano, desenvolveu o União notável esforço no sentido de reforçar a sua equipa de futebol, mas só pôde brilhar no campeonato nacional da II Divisão e na «Taça de Portugal». Entre as proezas da última época merece relevo a eliminação do Olhanense, na «Taça».

As festas do aniversário do União decorreram com entusiasmo e a sessão solene da comemoração teve a presidência do próprio governador civil do distrito, dr. Castro Soares. O banquete de confraternização fechou brilhantemente o período festivo, constituindo excelente prova da vitalidade do popular clube. Compareceram muitos sócios e muitas senhoras — e fizeram-se afectuosos votos de prosperidades para o União. A esses votos nos associamos gostosamente.

Ao jogador que menos se evidenciou, em cada assalto, marcam-se pontos até 19, inclusivé, de tal modo que a relação dos pontos marcados represente a proporção da sua inferioridade ou do domínio do antagonista.

Exemplo: No primeiro assalto, houve igualdade: marcam-se 20 pontos a cada jogador. No segundo, houve ligeiríssimo domínio do jogador A sôbre o jogador B: a marcação será 20-19, ou 18, conforme a maneira como o árbitro apreciou os factores atrás descritos.

No terceiro assalto houve domínio acentuado de A sôbre B. A marcação será, por exemplo, 10-20.

Cada *knockout* igual ou superior a 6 segundos de duração equivale a retirar 5 pontos ao pugilista abatido; e se o número de quedas fór de quatro ou mais, marcam-se 0 (zero) pontos no assalto.

Se o árbitro do combate Sousa-Figueiredo tivesse o cuidado de apontar os pontos de cada jogador no fim dos assaltos, a decisão não teria sido a que foi — e que constituiu um grave desacato ao bom senso e ao respeito que se deve ao público.

Consideramos de primeira necessidade — e urgentes — as arbitragens efectuadas com perfeita grandesa de ânimo, observação arguta e ponderação. Sem dúvida que isso é factor decisivo na atracção de um espectáculo.

Stadium *da Capital do Norte*

(Conclusão da pág. 17)

Pela a acção das correntes, uma prova partindo do pórtico de Leixões só pode ser disputada por nadadores feitos, bem constituídos, robustos e dotados de poder de resistência.

Esta informação, que nos foi transmitida como de «consta ou diz-se», merece todo o crédito, parecendo até que a prova já tem a indispensável autorização para ser levada a efeito.

Iremos vêr em acção os grandes nadadores do Beira Mar, do Galitos de Aveiro, do Alagés, do Alhandra, Estoril Praia, Vianense, Pôrto e Coimbra, na disputa de uma importante prova de natação?

O Boavista é campeão

O simpático agrupamento do Bessa conseguiu esta época, em «hokey» em campo, uma proeza que muito satisfaz os seus inúmeros adeptos.

Após brilhante recuperação, o Boavista obteve o título de campeão de «hokey» em campo nas categorias de «honras» e «reserva».

As manifestações de regosio sucederam-se no «Excelso», confraternizando alegremente os seus frequentadores associados do Boavista.

A má sorte que tanto tem perseguido em futebol o grupo «xadrezado», parece que o abandonou noutra modalidade, para que nem tudo seja mau...

Comissão Distrital de Arbitros

Teve certo cunho de solenidade a posse da nova Comissão Distrital de Arbitros de Futebol, constituída pelos antigos desportistas João Nunes, Alvaro Sequeira, José Gandarela, Crispim Pinto e Reinaldo Torres. Esse acto teve a presença dos srs. drs. Virgílio Paula e Vicente de Melo, respectivamente secretário geral e tesoureiro de F. P. F. Presidência do sr. Mário Carvalho, delegado no Pôrto da Direcção Geral dos Desportos.

Os discursos proferidos contiveram afirmações interessantes, que não transcrevemos porque a elas já se referiu largamente a imprensa diária.

O F. C. do Pôrto adia a sua partida para a Madeira?

A título meramente informativo — não conseguimos obter confirmação até ao momento em que esta nota foi escrita — podemos dizer que, por diversas dificuldades, entre as quais a autorização da F. P. F. pelo que diz respeito a jogadores que não pertencem ao F. C. do Pôrto — a partida para a ilha da Madeira sofrerá novo adiamento, se não ficar mesmo sem efeito.

Dá-se igualmente como certa a ausência de Gomes da Costa e de Sárra, aquê por motivos que se prendem com os seus exames e este por não obter uma autorização de que carece.

Repetimos: não temos confirmação de que fica dito, pelo que todas as reservas devem ser admitidas.

PREFIRA A TINTURARIA PORTUGÁLIA

com fábrica em Lisboa para limpeza a seco e tinturaria de todo o vestuário

R. do Mundo, 75-77 Telef. 2 3221
R. dos Retrozeiros, 115 Telef. 2 5172

Sombrieros

Barracas PARA PRAIA

Tendas E MATERIAL

DE ACAMPAMENTO

Consulte sempre a

SOC. INDUSTRIAL

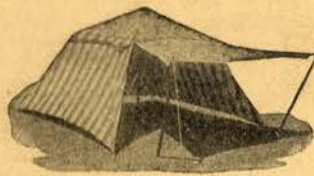
DE TOLDOS E

ENCERADOS

R. Vale S.^o António, 59

TELEF. 2 5357

LISBOA



Toldos de sistemas aperfeiçoados

FARMÁCIA AVENIDA

Av. de Bélgica, 88

BARREIRO

Director-técnico e proprietário

Augusto Cantante Marques

Químico-Farmacêutico

COLÉGIO BARREIRENSE

Proprietário-Director

José Joaquim Rita Seiches

Ensino Primário, Liceal e Comercial

BARREIRO

Farmácia Cortesão

Directora Técnica e Proprietária:

Maris Virgínia Pessoa Lobato Cortesão

Av. da Bélgica 116 e 118 — BARREIRO

Tabacaria Avenida de Amoro Gonçalves Cardoso

Revistas nacionais e estrangeiras — Figurinos — Jornais diários — O 1.º de Janeiro, do Pôrto — Modas e Bordados — Folha de arte aplicada e pequena secção de papelaria e livraria — Possui também secção de artigos eléctricos, Perfumaria, Bijouterias, Lotarias, Brinquedos, etc. Avenida da Bélgica, 94 — BARREIRO

Laboratório Rádio Televisão

Rua Joaquim António de Aguiar, 235 e 239 — Barreiro

Tem à venda aparelhos de T. S. F.

das melhores marcas

A única casa de especialidade em reparações no BARREIRO

DESPORTISTAS!!!

Se vos ficou saudades memórias do IMPÉRIO de Palmavá, tendes, para depois do desporto, o

IMPÉRIO DAS LIMONADAS

Rua do Crucifixo, 52-56 — LISBOA

com todos os refrescos e cerveja

GLYCOL

O IDEAL DA PELE

Produtos V. A. P. (PORTUGAL)

O único preparado que realiza a máxima beleza,

dando à pele o raro encanto da mocidade.

A venda nas boas Casas da Especialidade

e principais farmácias — Depositários gerais:

Venturo d'Almeida & Pena

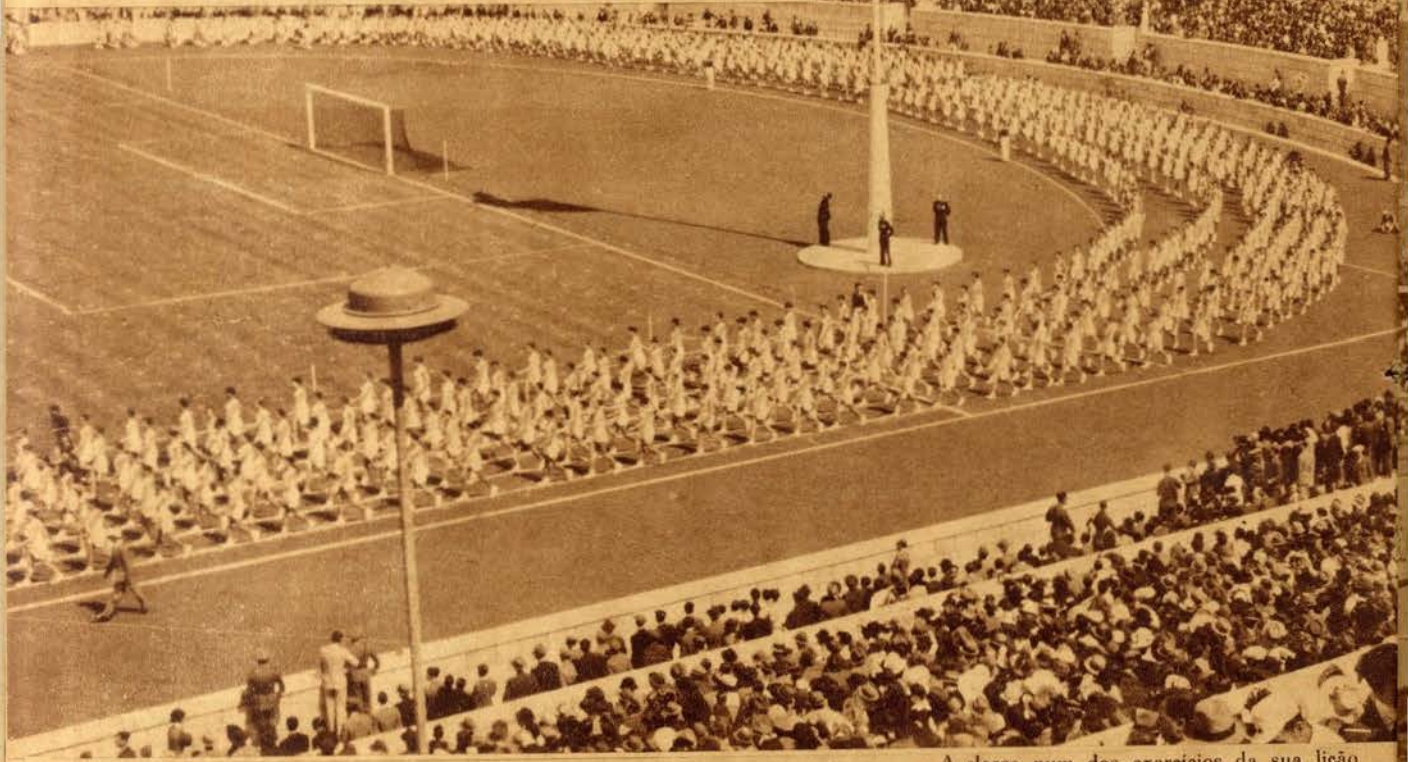
R. do Guarda-Mór, 20, 3.º Esq. LISBOA

Enviamos amostras contra 380 em selos do c.

Outro aspecto, mais amplo, do desfile dos gimnastas da Mocidade em torno do mastro onde drapeja a bandeira nacional



Os rapazes da Mocidade, antes de formarem a sua classe, desfilam na pista em marcha cruzada



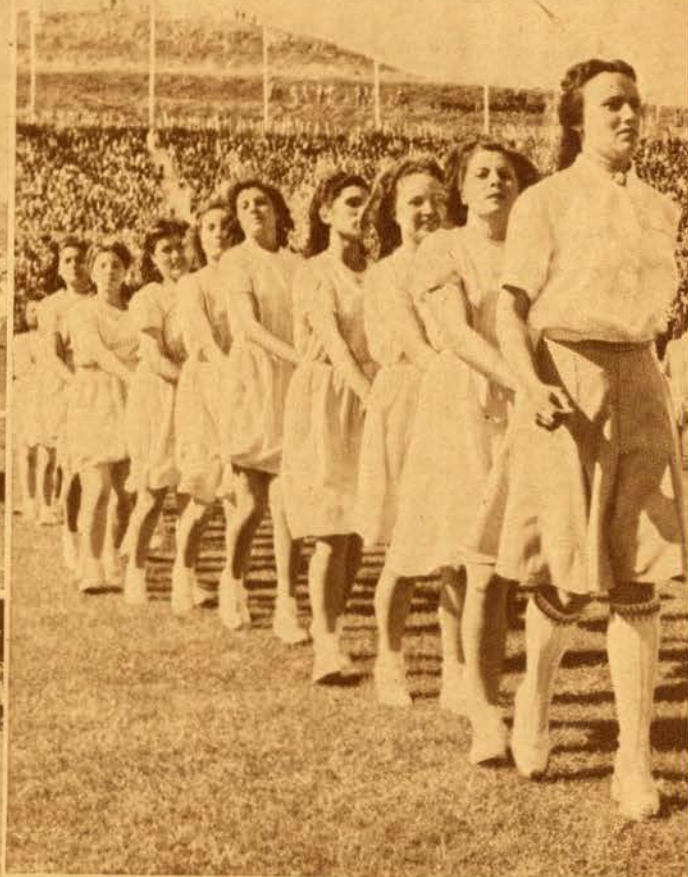
A classe num dos exercícios da sua lição



Abandeira da F. N. A. T. desfraldada pelo vento, acompanha o ritmo do exercício das gimnastas da classe



Um gracioso friso de raparigas seguindo a instrutora D. Maria de Lourdes Tainha.



A entrada na pista das componentes da classe de ginástica da F. N. A. T.

Aspecto da classe, durante a sua lição no cenário imponente das bancadas negras de gente.



ESTÁDIO NACIONAL

(Continuação da pág. 11)

jogo próprio da já citada tática. Este comportamento não se justifica. E não se explica porque o método rasteiro, isto é, a solução indicada, deu resultado quando posto em prática, dele nascendo as mais belas jogadas de todo o encontro.

Os bordados no terreno não são apenas agradáveis à vista. Também dão ótimos resultados, desde que executados no momento oportuno. O Sporting e o Benfica fizeram os seus bordados durante pouco tempo, passando quasi todas as duas horas a levantar o esférico, às vezes em tremendos balões. Quando a bola andou agarrada ao terreno, o jogo seguiu-se com visível agrado, mas quando ela foi levantada o desafio monotonzou-se.

A grandeza do Estádio Nacional merecia outra espécie de futebol.

Que isso nada interessa na apreciação do chamado *domínio territorial*. Serve, apenas, para se afirmar que há muitos capítulos do jogo que não têm sábia aplicação. Porque qualquer dos *teams* não se deixou dominar, antes repetindo as investidas num e noutro lado. Ao fim do tempo normal, o resultado era de 1-1, e aceitava-se como expressão justa do que passava em campo.

Caso interessante: o Benfica conquistou o empate dentro da hora e meia, em virtude dos sportinguistas desconhecerem as regras, não sabendo, por exemplo, que na linha da bola nunca um jogador está deslocado, quanto mais atrás da bola.

O caso merece uma citação de pormenor. Tendo o Sporting sido punido com um *livre* quando, sobre a linha de cabeceira, os *leões* deixaram à vontade os rapazes do Benfica, sem que ninguém se interpusse entre estes e as redes com o pensamento (errado) de que, ao receberem a bola, os benfiquenses ficariam deslocados. Parece impossível—mas é verdade. Este desconhecimento custou ao Sporting mais meia hora de esforço.

O vento influiu poderosamente na partida, sendo os períodos de jogo rasteiro, como já dissemos, os mais belos. Deve assinalar-se o começo do 2.º tempo por parte do Sporting, e o período final, isto é—cêrca da hora e meia do Benfica.

Mesmo assim, quando em manifesta superioridade, ambos os clubes revelaram nitidamente a sua forma de actuar. O Sporting, mais rectilíneo, de grande poder, ao mesmo tempo, na muralha defensiva.

O Benfica, palpitante de seiva, mais perdulario em passagens, tudo resultado da linha eix. Já lemos (não nos recorda onde, e não interessa) que ambas as linhas avançadas não remataram convenientemente. Não concordamos. Se assim fôsse, não seria possível a estu-penda exibição dos guarda-redes, tanto de Azevedo como de Martins, embora aquê em plano mais saliente. Estiveram frente a frente os melhores *keepers* nacionais, e não se pode ter mais sentido de colocação, golpe de vista e agilidade. A verdade é que os avançados remataram frequentemente, e por vezes muito bem, encontrando dois guarda-redes magistrais em tarde felicíssima.

O prolongamento colocou o Sporting no auxílio do vento, e assim o problema tinha de se decidir a favor dos *leões* que, no entanto, lutaram ardentemente pela vitória. Com *goals* de Peyroteo e Eliseu, o marcador chegou a estar em 3-1, mas o Benfica diminuiu para 3-2, com uma bola de Júlio. A Peyroteo coube a honra de marcar a primeira bola, inaugurando as redes do Estádio Nacional. Sem dúvida, o destino escolheu bem, neste capítulo, dada a formidável carreira de rematador do avançado-centro do Sporting.

Os grupos alinharam:
Sporting: Azevedo, Cardoso e Manuel Marques; Canário, Barrosa e Elizeu; Mourão, João da Cruz, Peyroteo, António Marques e Albano.
Benfica: Martins, Cesar e Carvalho; Jacinto, Albino e Francisco Ferreira; Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Teixeira e Rogério.

Árbitro: Vieira da Costa (Porto). *Juizes de linha*: Carlos Canuto (Lisboa) e Alvaro Santos (Coimbra).

Antes de breve análise ao trabalho dos jogadores, deve dar-se a última pincelada, afirmando que os *teams* se equilibraram, e que venceu Sporting como poderia ter ganhado o Benfica. Este movimentou-se, em conjunto, perfeitamente; nalgumas vezes, com velocidade endiabrada e desmarcação a evidenciar. Não nos deu, é certo, em frente das redes, a sensação grande de perigo. Essa sensação foi mais dada pelos deanteiros leoninos, o que, só por si, significa alguma coisa.

Além de Azevedo e Martins, os grandes do encontro, devemos salientar outros nomes.

No Benfica: Cesar e Carvalho, Francisco Ferreira, Arsénio e Rogério.

Quere dizer, uma defesa sólida, um médio de impulso, e dois avançados que brilharam, cada qual no seu estilo e temperamento. Os outros nomes, porém, também deram alguns apontamentos de boa inspiração.

No Sporting, toda a defesa desempenhou o cargo a contento. Assim como Eliseu, mesmo descontentando a sua lesão. Na frente, Peyroteo, Mourão e Albano mostraram a sua grande classe. João da Cruz, em choque com o seu companheiro Cardoso, fracturou uma costela, e daí o ressentir-se, em seguida, e até o fim. Mas todos cumpriram.

Sporting (que conquistou mais duas taças) e Benfica, os dois grandes clubes portugueses, tiveram a honra de inaugurar, em futebol, a magnífica relva do Estádio Nacional. Em boa verdade, quem é que melhor do que estes dois poderia fazê-lo? Responde pelo facto o passado e o presente.

T. da S.

NOTAS À MARGEM DO FESTIVAL

MOMENTOS impressionantes, aqueles em que, secundando a voz da «Mocidade», que voz do Desporto é, a multidão, de pé, entusiástica e vibrante, expressou os seus agradecimentos a Salazar, e descoberta, respeitosa e disciplinada, cantou a plenos pulmões as estrofes da «Portuguesa»!

Com o nome de Salazar, o chefe que promete e cumpre, outro nome foi saudosamente acarinhado: o do engenheiro Duarte Pacheco, que tanto contribuiu para a realização da grande e ambicionada obra, mas que, infeliz-



HÉLIO
O CHAPEU
INCONFUNDIVEL
Rua do Coimbre 93-95 LISBOA
ETP

mente, não a viu completada. A gente do desporto não o esqueceu, porém, e teve constantemente presente o seu nome, numa homenagem singela mas sincera—daquelas que são tocadas pela alma simples do Povo.

O senhor Presidente da República, cuja aparição foi saudada com particular carinho, o senhor Presidente do Conselho, que a multidão distinguiu com uma justa, significativa e demorada ovação, e os restantes ministros e altos servidores do Estado que estiveram presentes, devem ter podido verificar, mais uma vez, a força que o Desporto representa e como está interessante, profundamente, o espírito dos portugueses. E terão podido concluir, também, que a gente do Desporto, de maneira geral, é grata, disciplinada e correcta.

Modelar, o serviço de transportes, quer na ida, quer no regresso. Magnífica a organização no recinto, desde a entrada até à acomodação dos inúmeros espectadores. Tudo bem sinalizado, bem dirigido, bem executado. Limpeza e disciplina.

Só assim se compreende que mais de setenta mil pessoas, entre assistência, participação do festival e pessoal, tenham ido à Cruz Quebrada sem qualquer atropêlo, desordem, embarço ou simples discussão.

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho esteve largamente representada. E bem. Além das raparigas que se exibiram, numa agradável sessão de ginástica, com aprumo e alegria, várias outras secções, constituídas por centenas de rapazes, tomaram parte na grandiosa parada: funcionários de grêmios e de outros organismos corporativos; empregados de escritórios, de bancos, de grandes companhias e de estabelecimentos comerciais e industriais de toda a espécie; operários de oficinas, fábricas e armazéns.

Isto significa que a F. N. A. T. tem alcançado apoio e resultado positivos na sua acção a favor do revigoramento da gente que labuta,

(Continua na pág. 23)

Alfaiates - Camiseiros

SILVEIRA & MARQUES, L. DA

Telefone, 2 5664

253, RUA DO OURO, 255

Um fato ou uma camisa executados na nossa casa, marcam a distinção de quem os usar



Rua Victor
Fossa, 16 e 18
(a Marquês)
Estação de Serviço
MOTOR PALÁCIO
Escola Automobilística
Teléfono 4 2421

Tira nódoas CRUZAL é indiscutivelmente À VENDA NA
DROGARIA ALVAREZ & C. (IRMÃOS)

Principiou o XXI campeonato de Lisboa

No jogo da lotaria nacional a casa

GOUVEIA & SILVA

bate de longe todos os récores

O hockey em patins, modalidade das que, incontestavelmente, têm mais público, está em plena actividade. Começou mais um campeonato de Lisboa, com oito concorrentes na divisão principal e tanto bastou para que os clubes de maior evidência na prática desse emocionante jogo, voltassem a movimentar-se e a atrair as atenções gerais dos seus adeptos.

Nas constantes deslocações a que a prova obriga, com deslocações para Sintra, Amadora e Paço de Arcos, — para só falar dos arredores de Lisboa — a modalidade encontra excelente meio de propagação. E quando sucede, como nesta competição que há poucos dias principiou, poder registar-se regularidade absoluta no desenrolar da prova, tanto melhor.

Cada equipa, nesta fase do torneio, tem duas «saídas». E, no entanto, só dois concorrentes — o Benfica e o Paço de Arcos — contam por vitórias os jogos efectuados. Todavia, há ainda tanto caminho a percorrer que isto nada significa.

O que pode pensar-se — isso sim — é que este 2.º campeonato vai ser renhidamente disputado.

A 1.ª «RONDA»

Os jogos das categorias principais tiveram os seguintes resultados:

Benfica-H. C. Sintra.....	2-1
Paço de Arcos-Ateneu.....	10-4
Tabacos-C. Ourique.....	1-5
Futebol Benfica-Académica..	1-4

Temos, portanto, duas vitórias dos visitados e outras tantas dos visitantes. Marcaram-se 28 tentos, metade dos quais num só desafio — aquele de que participou o detentor do título, ou seja o Paço de Arcos.

No primeiro encontro, os «encarnados» experimentaram sérias dificuldades em frente dos aguerridos sintrenses. O jogo desenrolou-se com certa dureza da parte do H. C. S., que chegou a ter 1-0 a seu favor. Mas o Benfica nunca esmoreceu e, de vencido, pôde passar a vencedor. Uma nota a salientar: o reaparecimento de Quintino, no grupo vencedor.

No segundo dia, os «acelistas» foram de abalada até Paço de Arcos. Os prognosticos, favoráveis aos locais, não sofreram desmentido. A sua vitória «desenhou-se» cedo, o que não evitou que os lisboetas se mostrassem animosos.

O Tabacos não teve estreia auspiciosa no agrupamento principal da A. P. S. A superioridade dos compouriquenses foi notória, mas não constitui motivo para elogios. A sua maior experiência justifica o resultado.

Para conclusão da «ronda», o Futebol Benfica recebeu a visita da Académica da Amadora. A vitória da Académica pode surpreender pela nitidez do «score», mas não deve esquecer-se que os benfiquenses jogaram sem o concurso de Sidónio, cuja falta foi sensível. Esta vitória pode proporcionar aos visitantes animo para maiores cometimentos em encontros futuros.

Individualmente, deve salientar-se a proeza de Jesus Correia, que obteve oito dos dez «goals» marcados pelo seu «team», como realce merece, também, o cometimento de José M. Carreira que fez os quatro tentos da Académica da Amadora. Os restantes marcadores foram F. Conceição (At.) com 3; José Raposo (P. A.), Fausto e Viana (C. O.) com 2, cada; Sanches e Leonel (Benf.), Veluz (H. C. S.), Luis Ferreira (At.), Luis (Tab.) e Oliverio (F. B.), com um cada.

A 2.ª «RONDA»

Os quatro encontros principais forneceram os seguintes resultados:

H. C. Sintra — Tabacos....	18-3
C. Ourique — F. Benfica...	2-3
Amadora — P. Arcos.....	5-7
Ateneu — Benfica.....	4-5

Estádio Nacional

(Conclusão da pág. 22)

Parece que os portugueses começam a gostar, agora mais, de calçar os sapatos de bicos e as alpargatas de gimnásticas... E em compensação, felizmente, vão descalçando a tradicional «bota de elásticos»...

O sol que se mostrou discretamente — ainda bem! — durante quasi todo o grandioso espectáculo, surgiu com toda a intensidade e brilho, no momento em que, com a parada alinhada sobre a relva, o representante da juventude de Portugal expressava os seus agradecimentos aos dirigentes da Nação.

Dir-se-ia que o astro rei não quiz deixar de, no momento próprio, participar do acto com o brilho incomparável da sua presença.

Peçoteo marcou o primeiro «goal» nas balizas do novo Estádio; Espírito Santo, o segundo. Ambos proporcionaram, pois, momentos de alegria a duas grandes facções da multidão que estava presente. Pode, portanto, dizer-se que os dois simpáticos adversários, produtos desportivos de Angola, representaram a contribuição das colónias para a animação e o entusiasmo do grande festival...

O Sporting ganhou as três provas de atletismo disputadas; ganhou o desafio de futebol inaugural; marcou o primeiro «goal»; conquistou as primeiras taças. Foi dia grande para o clube dos «leões»!

C. C.

A «ronda» foi fértil na marcação de «goals», 47 — mais 10 do que na anterior. Mas deve notar-se que só num desafio se marcaram 21 tentos.

Os sintrenses, batidos no encontro anterior, obtiveram desta vez um resultado demasiadamente expressivo, se tivémos em atenção que defrontavam uma equipa da mesma divisão. O Tabacos parece ressentir-se da subida a este agrupamento. Uma diferença de 15 tentos dispensa comentários.

O Futebol Benfica não pôde evidenciar a esperada superioridade sobre o Campo de Ourique. De resto, o próprio resultado deixa adivinhar equilíbrio de forças. A falta de Sidónio continua a pesar decisivamente nas possibilidades dos benfiquenses.

O Paço de Arcos travou com o Académico uma partida que teve a animação abundante marcação do «goals». Os campeões não contaram certamente com tão boa réplica da Academia da Amadora, que este ano parece dar que falar.

Por último, a vitória dos «encarnados» sobre os «acelistas». Obtida pela diferença mínima, pode pensar-se em luta de igual para igual. As oscilações do marcador emprestaram especial interesse à luta — diremos mesmo, emoção. A vitória do Benfica, obtida com dois «goals» resultantes de grandes penalidades, e um de «livre» não é de molde a deixar tranqüilos os adeptos do clube, quanto às possibilidades da eq lpa.

CASA DESPORTO

Artigos para todos os desportos. Fornecedor dos principais Clubes do País.
Temos os melhores artigos para FUTEBOL
RUA DA MADALENA, 196 (vindo da P. da Figueira)
Telef. 2 9728 - LISBOA

Móveis novos e usados Completo sertido de para venda e alugar. Colchoaria Aceitam-se móveis usados Vidraças para compra ou em troca. Vidros e espelhos

Domingos Santos Martins

COM OFICINA DE CARPINTEIRO E MARCENEIRO

Encarrega-se de todos os trabalhos da construção civil

Avenida da República
Telefone 66 — PAREDE

Tecidos chics Novidades

as últimas criações da moda

CASA PENIM

184, Rua Augusta, 186 LISBOA

ANO XII — Lisboa, 14 de Junho de 1944 — II SÉRIE-N.º 80

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51140 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



SEDE:

Rua da Assunção, 79 a 85
Rua dos Sapateiros, 135 a 143
Telefones: 2 5201 — 2 5202
Código: A. B. C. 5.ª Edição

FÁBRICA:

Avenida Casal Ribeiro, 18a 24
Telegramas: SOBRESCRITOS
LISBOA

Alfredo Abrunhosa, o sportinguista que venceu a primeira corrida na pista do Estádio, corta a meta dos 100 metros; da esquerda para a direita, Romero, Tamegão, Abrunhosa, Ferreira e Abreu Lima

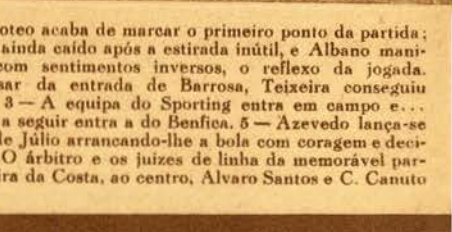
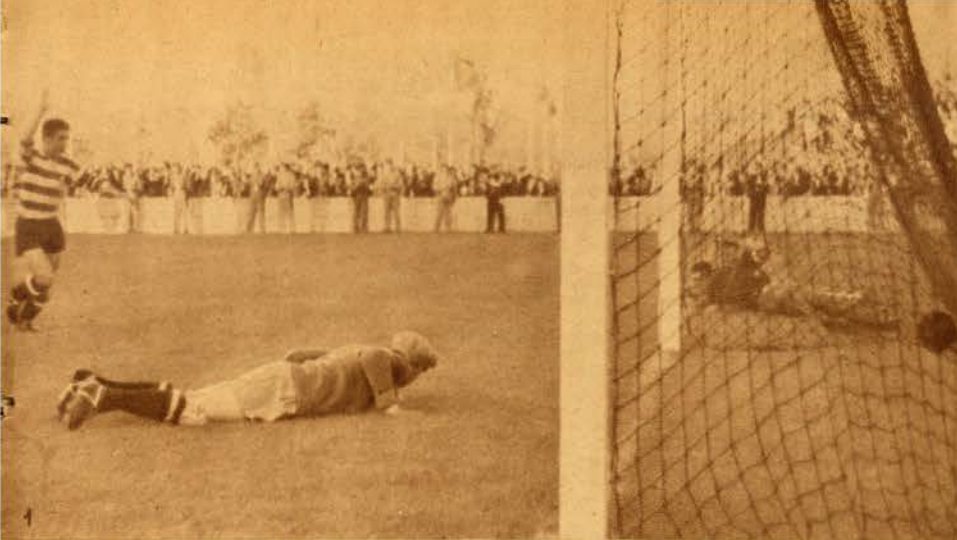


Manuel Núncio ganha destacado a segunda série dos 100 metros, seguido pelo benfiquista Eleutério



Em cima: João Jacinto, vencedor da prova, conduz em bom andamento o pelotão dos corredores nos 800 metros. Em baixo: a saudação dos vencedores, no final das provas, ladeados pelos segundos e terceiros classificados, membros do júri e, em frente, o dr. Salazar Carreira que dirigiu o programa de atletismo





1 — Peyroteo acaba de marcar o primeiro ponto da partida; Martins, ainda caído após a estirada inútil, e Albano manifestam, com sentimentos inversos, o reflexo da jogada. 2 — Apesar da entrada de Barrosa, Teixeira conseguiu rematar. 3 — A equipa do Sporting entra em campo e... 4 — logo a seguir entra a do Benfica. 5 — Azevedo lança-se aos pés de Júlio arrancando-lhe a bola com coragem e decisão. 6 — O árbitro e os juizes de linha da memorável partida: Vieira da Costa, ao centro, Alvaro Santos e C. Canuto



A
«IMPÉRIO»

é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas.



COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO
Rua Garrett, 56 — LISBOA

Seja previdente, adquirindo uma apólice da

«IMPÉRIO»

— a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital.

Os últimos torneios de preparação

MARCADOS para domingo os campeonatos regionais de estreantes, aproveitaram os clubes esta última jornada para apurar a selecção das suas equipas e lançarem balanço aos recursos de que podem dispor.

O Internacional, prosseguindo na série dos seus encontros clubistas, deirontou o Casa-Pia, pondo em actividade homens de todas as categorias. Assim, o sênior Mira Barroso (C. P.) ganhou os 60^m; outro sênior, Fernando Soares (C. I. F.), venceu os 2000^m em 6^m 3,1; o junior Pinto Basto (C. I. F.) lançou o peso de 5k a 14^m 82; e Manuel Salta e Francisco Correia saltaram em altura e comprimento 1^m 70 e 6^m 32.

Outros resultados: 120m. em 14,7s por Lino Nunes; 250 m. em 33,2s. por Eduardo Gomes (ambos do C. I. F.); 700m. em 53,15, por Vicente; e lançamento do dardo a 39,10 por Martins, ambos do Casa-Pia.

Estas marcas não nos apontam nada de extraordinário e, pela mistura de categorias dos participantes, pouco esclarecem nalgumas provas sobre o valor dos estreantes. Em qualquer caso, regista-se com prazer a persistente actividade do velho Internacional, que rejuvenesce para o atletismo — onde outrora tanto brilhou — com a persistência dos seus dirigentes e o entusiasmo da sua nova falange de atletas.

O Sporting fechou o ciclo de uma campanha excelente e fecunda com provas de apuramento para os seus estreantes e de experiência para os principiantes, cujo torneio seguirá de oito dias do campeonato dos primeiros.

Ainda que a ausência de alguns dos seus melhores homens — como Manuel Castelo Branco, que na véspera tão boa conta deu das suas possibilidades na prova de inauguração da pista do Estádio Nacional — se reflectisse no valor de certas marcas, os resultados foram em geral muito bons e provam que a equipa dos «leões» se apresenta bem apetrechada para as lutas que a esperam.

Muchado, um pequeno corredor possante e rápido, venceu os 80 m. em 9,4 s.; Autur Dias percorreu 250 m. em 31 s., tempo ótimo e que avaliza os seus recursos, que parecem incríveis em corredor de tamanha fragilidade; os 700 m. foram ganhos por Joaquim Campos em 1 m. 53,5, mercê da sua forte ponta final, que lhe permitiu ultrapassar o principiante Humberto Bastos, outro homem com bom futuro na frente; Bernardo Monteiro terminou os 200 m.

Sapataria ESMERALDA

Sapatos para Senhora desde 92\$00, modelos a 140\$00, de verão desde 65\$00. Sapatos de homem desde 115\$00, 140\$00, 160\$00 a 180\$00
R. DOS FANQUEIROS, 21 (junto Alfândega)

em 6 m. 22,6 s., trazendo na cola o principiante Marcelino Freire, que gastou 6 m. 23,2 s.

A melhor marca dos concursos foi conseguida no peso por Santos Bernardes, que alcançou com a esfera de 5 kg os 12 m 11; o principiante José Correia, com muito melhor estilo, atingiu por sua vez 12 m. 11.

Os lançadores do disco foram mais modestos: 25,15 pelo estreante Anibal Silva e 26,180 pelo principiante Francisco Miranda.

Os saltadores foram, neste torneio, os mais fracos: Cesar Cunha transpôs apenas 1,151 em altura e Américo Fiuza 5,145 em comprimento.

O Sport Lisboa e Benfica também pôs em acção os seus novos recrutados, fazendo-os disputar as provas do seu programa oficial.

Organizadas à tarde, as competições foram particularmente animadas e deram ocasião a algumas proezas apreciáveis.

Os vencedores das corridas foram: José Sequeira, nos 60 m. em 7,3 s.; Adriano Castro nos 250 m. em 33,2 s.; José Pirez nos 700 m. em 1 m. 57,4 s. e nos 2000 m. em 6,13 s.

Nos concursos classificaram-se em primeiro lugar: Fernando Mendes, que saltou 1 m 56 em altura e João Ribeiro 5 m 86 em comprimento; Fernando Fernandes, lançando o peso a 12m, 23, e João Ribeiro atirando o disco a 28,1 m 96.

O Ginásio Clube Português

promove hoje o seu sarau no Coliseu

É hoje que o Ginásio Clube Português organiza, no Coliseu dos Recreios, o seu tradicional sarau de encerramento do ano lectivo.

Basta falar em sarau do Ginásio para evocar uma longa série de triunfos e noites de inesquecível glória, que a tradição nunca desmentiu. Foi o Ginásio que ensinou o nosso público a apreciar e admirar os trabalhos dos amadores de alta ginnástica, os exercícios de força e de destreza, o movimento e harmonia das exhibições de conjunto.

O programa deste ano foi seleccionado com rigor, comportando a apresentação das melhores classes do clube, assaltos de jôgo do pau e esgrima de espada, e exercícios de ginnástica olímpica, conjunto de applicações onde se patenteia alternadamente a destreza, a flexibilidade e o domínio de movimentos dos executantes.

Também parece destinada a grande êxito a apresentação da classe feminina que, além das suas lições de ginnástica rítmica e educativa, se exhibe pela primeira vez numa demonstração de típicos bailes regionais portugueses.

BARREIRA DE SOL

CAMPO PEQUENO, 11 DE JUNHO

A corrida do dia 11 não deixou saudades à «afición». Os touros do senhor J. Infante da Câmara, longe de serem ideais para lide, não aram de molde a justificar a precipitação e falta de ordem que reinaram na arena.

José Castimiro toreado bem, a seu estilo, o primeiro, animal voluntário, rematando a lide com dois curtos, o primeiro dos quais muito bom. Foi menos feliz no seu segundo, um manso que não queria cavalo. Os dois touros da lide equestre foram pegados de cernelha pelos amadores de Santarém.

Fernin Rivera, ressentido de uma colhida recente e prejudicado pelo vento, pouco pôde luzir com capote e muleta, mas esteve bem em conjunto, nada havendo a registar que diminua os seus créditos, já firmados, de toureiro correcto e inteiro.

Gregório Garcia logrou um «triumfo» de nova espécie, no seu primeiro garraio, limitando-se a colocar um bom par de bandarilhas (o primeiro). Com a muleta não chegou a dar um passe digno desse nome. Pois tanto bastou para rebentarem conflictos em vários sectores e para que o famigerado mexicano desse volta à arena a recolher uma ovação, saindo ainda a agradecer aos «medios». Registamos sem comentários este «recordo», inédito, da popularidade...

No seu segundo, que bandarillhou francamente mal, Gregório pegou na muleta disposto a fazer uma «faena rabiosa», o que lhe valeu andar metade do tempo pelo ar, sem prejuizo visível para a integridade do seu fisico. Desta vez, as palmas «de tango» abafaram a ovação.

O debutante Filipe González, pouco feliz com os touros que lhe couberam em sorte, nada fez que revelasse a sua ignorada personalidade.

J. E.

350\$00 Casaco e calça

próprios para verão, o que há de mais chic. Só na

Casa Vidigal

R. Arco do Bandeira, 219, 1.º
Telefone 2 5875 - LISBOA

Ciclismo na pista do Lumiar

(Continuação da pág. 7)

Em complemento do programa, disputaram-se, ainda, uma prova de veteranos, ganha à vontade por Martins, que desta feita não teve de se haver com o lusitano Rodrigues, eliminado por «varia», e uma corrida de eliminação, para iniciados, em que triunfou J. Camêlo, do Arroios, seguido de Santos Gonçalves, do Sangalhos.

Notas várias

Na «americana» de ases tomaram parte 7 equipas.

Resultado: 1.º Martins-Tullo, 100 voltas, 10 pontos; 2.º Lourenço-Inácio, 96 voltas, 8 p.; 3.º Lopes-Rebello, 8 p.; 4.º Aristides-Mourão, 86 voltas; José Ferreira-Noé; J. Pereira Jacinto e Ralha-Bartolomeu.

Ao contrário do que foi comunicado, a equipa Martins-Tullo não totalizou 15 mas sim 10 pontos, porque na última embalagem aqueles corredores saíram batidos por Lopes e Lourenço. Também não devem classificar-se as equipas a partir do quarto lugar, pela ordem de inscrição, mas sim todas «ex-aequo», em virtude de haver prémios pecuniários a distribuir.

A organização — boa em todos os sentidos. Ordem na mesa do juri, fiscais de «releves», boa seqüência de corridas e disciplina da parte dos corredores, à excepção de Dias Santos, que teve uma «birra» da qual decerto sofrerá as consequências.

DESASTRES

Se ninguém pode evitá-los, todos podem atenuar os prejuizos materiais derivantes.

BASTA possuir uma apólice contra «Acidentes Pessoais» da COMPANHIA «EUROPÊA» DE SEGUROS.

Rua do Crucifixo 40 - LISBOA - Telef. 2 0911

Uma pergunta: quando começarão os corredores a compreender que o prestígio das colectividades que representam é sempre superior aos interesses mesquinhos de cada um?

GIL MOREIRA

No jôgo da lotaria nacional a casa

GOUVEIA & SILVA

bate de longe todos os récores

EXTINTORES
«ALERTA»

DE
PROTECÇÃO
CONTRA
INCENDIOS

SÃO
OS
MELHORES

H. Vaultier & C.^a



Vem ao Estoril?
Quere ter o prazer de tomar
bons banhos?
Dirija-se à praia do

TAMARIZ

a única recomendada pelo
A. C. P. e a preferida pelos
banhistas de Lisboa e Estoril

TRABALHO QUE SE IMPÕE TANTO EM EDIFÍCIOS PÚBLICOS,
EMBAIXADAS, LEGAÇÕES, HOSPITAIS, CASAS DE SAÚDE.
HOTEIS, PENSÕES, COMO EM CASAS PARTICULARES
E TÓDAS AS CONSTRUÇÕES URBANAS

Telef. 4 8348

VAL-ENCERADOR, L^{DA}

41-A, ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 41-B



Enceramentos, Aplainamentos, Pulimentos,
Limpezas, Cera para soalhos, marca
«VAL-ENCERADOR»

Capachos, Passadeiras, Espanadores, Palha de Aço,
Vassouras e Tapêtes

PERFUMES, SABONETES DENTIFRICOS
LOÇÕES, POMADA PARA CALÇADO

A mais completa organização do país

CASA Fanqueiro

TOMAZ Retrozeiro

O Rei das Novidades

Camisas, Gravatas, Meias, Ma-
lhas, Lãs em
Chapéus e Luvas fio, Tecidos
Novidade

40, RUA FREDERICO AROUCA, 44

TELEFONE 38

CASCAIS

VESTIR COM
ELEGANCIA E
ECONOMIA

Alfaiataria



ÁGUIA

R. DA MADALENA, 202-1.º
TELEFONE LINDOS PADRÕES
CORTE IMPECÁVEL

MONT
BLANC



Uma notável demonstração de Educação Física

A semana desportiva do Lisboa Gimnásio Clube

O Lisboa Gimnásio Clube conquistou em poucos anos, pelo exclusivo merecimento do seu esforço educativo, orientado sempre sem fantasias dentro do mais rigoroso critério metodológico, uma posição de realce no grupo da vanguarda das nossas instituições particulares consagradas à educação física e desportiva.

Num campo restrito, sobre o qual pairava a sombra do prestígio dominador do mais rico em tradições dos nossos clubes, o Gimnásio Clube Português, o Lisboa Gimnásio — trabalhando com independência em reforço



A classe infantil, dirigida pelo tenente Alberto Marques Pereira



O professor sueco Johanson com a sua classe de rapazes

da mesma acção desenvolvida pelo seu precursor — rasgou o seu lugar ao sol, sem sombra de ninguém, sem a alguém fazer sombra.

A sua Semana Desportiva, feliz iniciativa com a qual há anos encerra o ano lectivo, fazendo a exhibição desassomburada, verdadeira e simples, dos seus métodos de ensino e preparação, é o certificado portento de quanto produz; mostra-se tudo quanto há na casa — evidentemente ordenado para receber visitas — mas apenas o que é da casa.

Diferem assim os propósitos da Semana da Gimnástica, organizada pelo Gimnásio Clube Português com muito maior projecção no meio, mas em cujo ecletismo de programa se dilui voluntariamente a nota clubista.

O público simpatizou com a oferta do espectáculo da sua enorme actividade, tal como anualmente o Lisboa Gimnásio lhe proporciona, e, de noite para noite, acorreu mais numeroso e entusiasta, mais do que enchendo — porque transbordou — as instalações da agremiação organizadora.

Este êxito de popularidade, porque abrange sectores estranhos à população associativa do Lisboa Gimnásio, demonstra mais uma vez quanto são de agrado as apresentações de alta gymnástica ou de classes de gymnástica educativa, quando obedecem a critério de dinamismo

variado — tanto em exercícios como em ritmo — e dão ao assistente visões de harmónica beleza, audaciosa decisão ou emotiva confiança.

Durou seis sessões a Semana Desportiva do Lisboa Gimnásio, que recebeu na noite de encerramento a consagração da presença do sr. Director Geral de Educação Física e Desportos, antigo professor do Clube, que ali foi recebido com o mais entusiástico carinho e não escondeu o interesse e agrado pelo que lhe era patente.

Em cada uma das sessões, a abrir o programa, ouviram-se judiciosos conceitos em curtas palestras, que prendiam sem fadiga a atenção dos espectadores; falaram, uns após outros, os professores do Clube sobre temas variados, referentes aos problemas da educação física, depois de, na noite de abertura, o sr. Mário Rocha, presidente da colectividade, ter comentado as razões e objectivos da Semana Desportiva.

Atribuiu-lhe o dedicado dirigente causas e fins de propaganda, aos quais os factos deram insofismável confirmação porque, na realidade, a propaganda não poderia ser melhor fundamentada pelo exemplo e dificilmente poderia ter alcançado maior expansão.



A classe de senhoras, comandada pelo professor Celestino Marques Pereira



Quantos milhares de pessoas passaram durante a semana pelo salão do clube, tantas foram certamente aquelas que saíram convencidas da acção benéfica da educação física, quando ministrada sob as formas gymnásticas ou desportivas, em progressão pedagógica, sob a criteriosa orientação de que o Lisboa Gimnásio fez alarde, pela competência averiguada dos seus mestres, pelo desembaraço e apuro evidentes dos seus praticantes.

O professor tenente Alberto Marques Pereira versou na sua palestra a gymnástica infantil, explicando com propriedade os seus fundamentos e argumentando em seu favor com a mais eficiente das razões: a apresentação cativante, fresca e singela como as almas infantis, da sua classe mixta dos pequeninos dos seis aos nove anos. Disse e mostrou que às crianças se pedem apenas os esforços compatíveis com o seu desenvolvimento muscular e articular, que se lhes não amarra a espontaneidade expansiva num rigorismo mecanizado de movimentos e que é preciso dar-lhes uma

O professor Robalo Gouveia e os seus alunos de gymnástica aplicada



CICLISMO: 1 — Manuel Rocha vencedor das 15 voltas para amadores e figura saliente na "meia-hora à americana"; 2 — José Faria, que triunfou nas 15 voltas para iniciados. **ATLETISMO:** 3 — Artur Dias, vencedor dos 250 m. nas provas de estreatos organizadas pelo Sporting; 4 — A chegada dos 60 metros, no mesmo torneio; ao centro, Jorge Machado, que ganhou a corrida

2

3

gimnástica aprazível, para que fique enraizado no seu espírito o amor pelas práticas do exercício físico educativo.

Escolheu o professor Anibal Ramos, para base das suas considerações, a relação entre a higiene e a educação física, demonstrando com a evocação de flagrantes exemplos o reforço que traz aos benefícios da educação física — que não é apenas movimento educativo — a submissão a regime higiénico, na vida e na alimentação, ao concurso racional do ar, da água e do sol.

O professor capitão Veiga Cardoso apregoou a necessidade da ginmástica moderada para os homens cuja idade transpõe o meio dia da vida, e para os quais mais importante é reagir contra os perigos do sedentarismo em defesa da fugitiva mocidade. Na sua eloquente apologia proclamou uma forte verdade: o homem português envelhece cedo, porque cedo se convence de que é velho.

No último dia da Semana, o professor capitão Celestino Marques Pereira ocupou-se da ginmástica das senhoras, completando pela palavra a demonstração convincente que trouxera na véspera com a apresentação impecável da sua classe feminina. Mostrou e disse que a ginmástica é forte de saúde, que outro tanto é dizer de graça e de beleza, de mocidade e de enforja, substituta racional de artificios que a ninguém enganam, — e muito menos a quem os emprega.

As apresentações práticas foram tôdas, além das que já citámos, excelentes: as classes de raparigas, de meninas e de meninos, do professor Anibal Ramos e as classes de rapazes do professor Kurt Johansson, deixaram a mais agradável impressão, cada uma com suas características modelares, com referência especial — porque norteadas em moldes mais originais — para a 4.ª classe de rapazes, dirigida pelo mestre sueco e que apresenta sobre princípios de progressão que se impõem à compreensão dos espectadores.

A parte de ginmástica aplicada, dirigida pelo professor Robalo Gouveia, foi a melhor que, no género, se exibiu este ano; os seus alunos também cultivam, conforme o preceito olímpico, todos os aparelhos — e em todos brilharam: nas paralelas, nas argolas em exercícios com balanço, na barra (com a curiosa escala progressiva de adestramento), nos saltos no chão (número destinado a conquistar o grande público) e nos já consagrados saltos na mesa alemã.

A participação desportiva incluiu lições de box, luta greco-romana, jogo do pau, esgrima e ginmástica artística, interpretada pelos vãos à Codonas, que arrancaram sucessivas ovações, apesar da forçada ausência de um dos voadores.

Breve sùmula de um conjunto convincente de provas de trabalho, estas notas encerram-se forçosamente com os parabens ao Lisboa Gimnásio, pela sua obra educativa e pelos progressos que ano a ano afirma na sua expansão e aperfeiçoamento.

Salazar Carreira



4

PARA TODAS AS CLASSES!

PAPA-LÉGUAS
SOLA FLEXIVEL DE MADEIRA
À VENDA EM TODO O PAÍS
DISTRIBUIDOR GERAL M. MESH
SUA NOVA DO ALMADA 36 3.ª, LISBOA

UM RECORDE BATIDO!...

Não é somente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transações sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.ª tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confeções de senhora em género «tailleur». Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.ª a maior perfeição e não paga luxo.

CHAVES de todos os modelos

para portas, malas, cofres e automóveis

Perdeu-as?
Partiram-se?
Roubaram-lhas?



Mande fazer outras na
CASA DAS CHAVES

Antiga Cerralheria PIRES
Amadeu Gomes da Fonseca
RUA DA MOURARIA, 3
(Frente ao Cinema)
TELEFONE 2 8050

O bom nome
vale mais que ouro

ISIDRO

Vende e compra prédios modernos e antigos. Quintas, moradias e herdades.

Faz hipotecas e trespases em todo o País. Negocia com a maior honestidade e lealdade.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 43, 2.º

Telef. 2 7303, Lisboa - PORTUGAL

ISIDRO



PINTO & AFONSO, L.^{DA}

Com estabelecimento de pneus, câmaras, baterias, óleos, massas consistentes, valvulinas, esponjas e camurças, remendos a fogo, lampadas para automóveis, ferramentas, etc.

Aceitamos
baterias para
reconstruir
e pneus para
recauchutar



Compre-se
tôda e qualquer
medida de
pneus de sucata
e «lonas»

Rua do Saco, 38 e 40 (ao Campo de Santana)

LISBOA — Telefone 41579

DELTA Leitaria
Pastelaria

Avenida Almirante Reis, 27-E

LISBOA

GRANDE OURIVESARIA IDEAL

DE

TOBIAS & COSTEIRA, L.^{DA}

Rua Regimento 19, n.º 55-57

Telefone 161

CASCAIS

SUCURSAL NO MONTE ESTORIL

Avenida S. Pedro—Chalet Joaquim

O mais completo e variado sortido em pratas, ouro, joias, relógios e vidros artísticos

Representantes na linha de Cascais dos celebres relógios

«Titus» e «MIMO»

Compra ouro, prata, e pedras preciosas pelos mais altos preços

Preferir a Ourivesaria Ideal é ter a certeza de ficar bem servido

Casa Aníbal Tavares

**JÓIAS
PRATAS
RELÓGIOS**

TAÇAS PARA PRÉMIOS DESPORTIVOS

95, Rua da Prata, 97

LISBOA
PORTUGAL
Aptofone 25853

TUDO

para todos os desportos

JOGOS DIVERSOS
PARA CLUBES
E FAMÍLIAS

48, Rua Nova do Almada, 52

Casa Senna

(Fundada em 1834)

ESTORIL

Costa do Sol — a 23 quilómetros de Lisboa

Clima excepcional durante todo o ano

Todos os desportos — Golf (18 buracos), Tennis, Tiro, Natação, Hipismo, Esgrima, etc.

Estoril Palácio Hotel — Luxuoso e confortável. Magnífica situação.

Hotel Parque — Elegante e Moderno.

Hotel de Itália — Preços moderados.

Estoril Termas — Estabelecimento Hidro-Mineral e Fisioterápico — Ginástica — Cultura Física — Sala de Armas — Piscina de água tépida.

Tamariz — Pavilhão-Restaurante, Bar, Magnífica esplanada sobre o mar.

Casino — Aberto todo o ano; Concertos, Cinema, Dancing, Restaurante, Bars. Jogos autorizados

«Stands» de Tiro — Escola de Equitação

Informações:

SOC. PROPAGANDA DA COSTA DO SOL

ESTORIL

Os mais reputados **TRABALHOS FOTOGRAFICOS** para amadores. Tudo do melhor para fotografia e cinema

TELEFONE
2 6 6 1 3

**Agência
Fotográfica**

Casa sempre moderna não obstante ser das mais antigas.
205 — Rua da prata — 207
33 — Rua da Assunção — 35
L I S B O A

CIMENTO «TEJO»

Fábrica em Alhandra

MÁRMORES E CANTARIAS

António Moreira Rato & Filhos, Lda.

Avenida 24 de Julho, 54-F — LISBOA

Enderêço teleg.: RATOFILHOS — Telef. 6 0879

Bicicletas

Baixa de Preços

Peçam tabelas com novos preços

Armando Crespo & C.^a

Tel. 2 7027

LISBOA

Rua do Crucifixo, 116 a 124

RESTAURANTE PORTUGAL

Ribeiro & Catita, Limitada

Cosinha à Portuguesa, confeccionada a vista do cliente

Onde melhor se come em Lisboa

Serviço de Bar, Chá e Café permanente

Rua do Carmo, 101, 1.º

(Junto ao Rossio)

Telefone 29501

L I S B O A

SOCIEDADE CONSTRUTORA COSTA DO SOL, L.^{DA}

CONSTRUÇÕES — PROJECTOS

ORÇAMENTOS — COMPRA E

VENDA DE TERRENOS

E PROPRIIDADES



ALUGUEIS DE CASAS

COM E SEM MOBÍLIA

À ÉPOCA OU AO ANO

RUA REGIMENTO 19, 33-35 — CASCAIS

TELEFONE 161

A classe de 3600 filiados da Mocidade Portuguesa, enchendo por completo o rectângulo arrelvado do campo, durante a imponente demonstração de gymnástica executada primorosamente ao comando do professor capitão Celestino Marques Pereira. (Foto C. Madeira)

